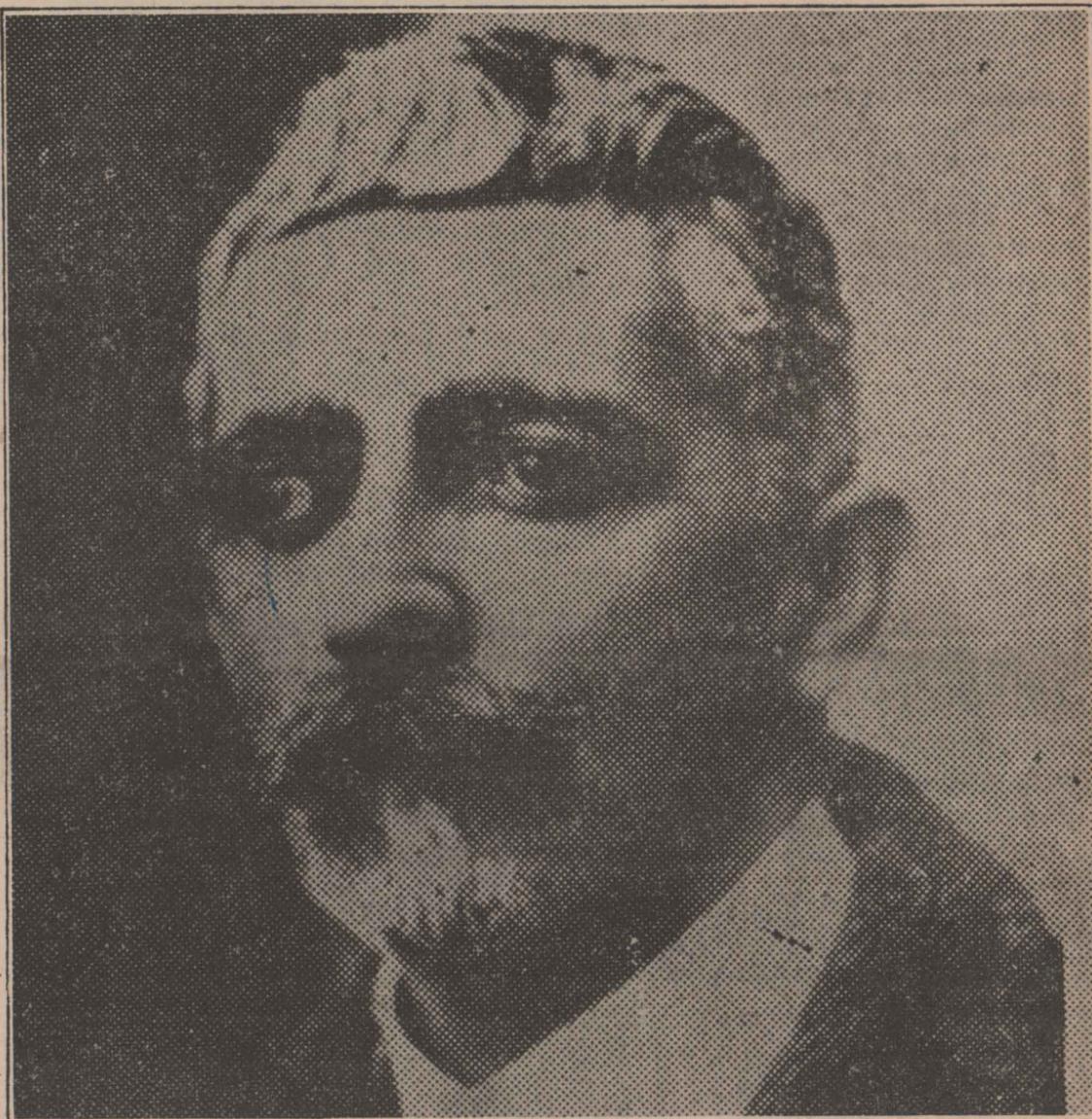


JOÃO SIMÕES LOPES NETO O PATRONO DA TRADIÇÃO

Vi a colméia e o curral, vi o pomar e o rebanho, vi a seara e as manufaturas; vi a serra e os rios, a campina e cidades. E dos rostos e das auroras, de pássaros e de crianças, dos sulcos do arado, das águas e de tudo; estes olhos — pobres olhos condenados à morte, ao desaparecimento — guardarão na retina até ao último milésimo da luz, a impressão da visão sublimada e consolodara. E o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último esto para que a raça que se está formando aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heróicos, pela integração da Pátria comum agora abençoada na paz. **SIMÕES LOPES NETO**, o Rapsodo Bárbaro.

Na página 5 desta edição, falamos de João Simões Lopes Neto e de sua filha adotiva, D. Ivete Simões Lopes Barcellos Massot. Ele, o criador imortalizado do Negrinho do Pastoreio, Salamanda do Jarau, Contos Gauchescos e Lendas do Sul, Casos do Romualdo e tantas outras obras de amor telúrico à terra gaúcha e ao Brasil. Ela, D. Ivete, a filha adotiva, que por morte do pai quando contava apenas três anos de idade, teve no tradicionalista e poeta xucro pelotense, o amor e o carinho que a morte impedira recebesse do genitor, conta no livro, "Simões Lopes Neto na Intimidade", fatos e coisas de uma importante quadra da vida gaúcha, no começo do século. Repassado de amor, o livro é uma crônica dos usos e costumes pelotenses, segundo a visão carinhosa de sua autora.



*O COOPERATIVISMO
TAMBÉM NO
MERCADO EXTERNO*

2

*A COTRIJUI REVIU
REALIZAÇÕES
EM ASSEMBLÉIA*

4

*VALE AMAZÔNICO UM
MUNDO A
SER CONQUISTADO*

7

*JORNAL AMERICANO
ANALISA A
INFLAÇÃO MUNDIAL*

3

*OS SETE POVOS DAS
MISSÕES E
A SUA HISTÓRIA*

6

*O GAÚCHO CULTIVA
SOJA DESDE
COMEÇO DO SÉCULO*

8 e 9

**COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA**

Rua: José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Fones: 2160 - 2161 - 2162
Inscr. 065/000770
Inscr. INCRA Nº 248/73
C.G.C. 90 726 506/001

ADMINISTRAÇÃO**Direção Executiva:**

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:

Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers.

Suplentes:

Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:

Herbert Hintz, Alfredo Schmidt e Braulio Martins da Rocha.

Suplentes:

José Claudio Kohler, Duilio Fachin e Germano Reinaldo Beutinger.

Armazéns:

Sede - Ijuí	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	20.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Tenente Portela	10.800 T.
Vila Jóia	20.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Em construção:	
Augusto Pestana	20.000 T.
Ajuricaba	20.000 T.

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigido ao quadro social).

EXPEDIENTE**Redação e Administração:**

Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Fone 2160.

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9

Redator: Responsável -

- Raul Quevedo -

registro profissional no MTPS.

1176 matrícula no SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro Pinto e Rui Michel.

Composto e impresso nas oficinas do "Jornal da Manhã", - Gráfica e Editora Jornalística Ser.tinela Ltda.

EDITORIAIS**COOPERATIVISMO TAMBÉM
PARA MERCADO EXTERIOR**

Em questão de mercado internacional, é perfeitamente válido o termo agressão. E não foi outra a intenção do diretor-geral da CACEX, sr. Benedito Moreira, ao dizer, como o fez na Associação dos Exportadores Brasileiros, nos primeiros dias de abril, que é tempo de nossos empresários e do próprio Governo "se convencerem de que o liberalismo no comércio internacional é uma ilusão, e que é preciso que nos aparelhemos para intervir ativamente nos mecanismos do comércio mundial".

O diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil defende a criação de "comitês de exportação de produtos primários", o que aliás, não é novidade no país, uma vez que existe na Bahia e em São Paulo, desde 1967, comitês para exportação de cacau e de café, com bons resultados.

A novidade, no caso, consiste na constatação de que isoladamente os exportadores nacionais não têm condições de competir com os grandes do mercado internacional, que são as multinacionais gigantes, que tudo podem e tudo conseguem.

Disse o diretor da CACEX que para terem sucesso, é preciso que os empresários brasileiros reúnem suas forças não somente através de fusões e associações empresariais cooperativistas, mas também por meio de organismos comuns, capazes de formular estratégias de exportação para cada produto, principalmente os de caráter primário.

É necessária a criação de instrumentos de comercialização indispensáveis, como estoques reguladores e canais de comunicação com os importadores no exterior. Ressaltou o sr. Benedito Moreira que esse tipo de coordenação não anula a criação de "tradings" nacionais, mas ao contrário, constitui um novo esforço para uma estrutura de comercialização compatível com o volume do comércio exterior brasileiro.

Pensamos que as cooperativas gaúchas, em face da infra-estrutura que possuem hoje, estão aptas para seguirem o conselho do diretor da CACEX. A COTRIJUI já deu o exemplo, criando a COTRIEXPORT S.A. - Exportação e Importação, com fins idênticos aos que vêm de ser aconselhados por aquela autoridade, em sua conferência para a Associação dos Exportadores Brasileiros, no Rio de Janeiro.

**OS AMERICANOS E A
NOSSA INGENUIDADE**

A empresa norte-americana Cargill, que opera em âmbito multinacional no ramo de grãos e afins, em boletim informativo divulgado em março último, previu para o Brasil uma safra de soja não inferior a 9,1 milhões de toneladas. O mesmo boletim retifica números do volume da nossa produção do ano passado. Ao contrário da estatística nacional, que cotou nossa produção em 7.000.000 de t., a Cargill nos creditou uma produção igual a 7.705.000 toneladas em 1974.

Calcado em fonte de procedência norte-americana, boletim informativo de uma corretora de Porto Alegre divulgou em janeiro - e o fato foi destacado nos jornais - perspectivas de produção de soja para 1975 no Brasil e nos Estados Unidos. Segundo essa previsão, a área de plantio de soja no Brasil teria aumentado entre 20 e 25% e a produção em 28%, com que o Brasil poderia contar com uma colheita de 9,2 milhões de toneladas.s.

A seguir, segundo previsões do seu Departamento de Agricultura, a produção deles. Diz o informe: "Os agricultores americanos, que em 1974 tiveram suas colheitas prejudicadas pelas más condições climáticas, planejam para o ano de 1975 uma safra recorde em cereais e principalmente soja. Planejam cultivar 122 milhões de acres de milho, sorgo, cevada e aveia, ao mesmo tempo que prevêm um aumento de 8% na área do plantio de soja".

É sabido que os americanos são bons estatísticos; bons manipuladores de números. Estradulam, somam ou diminuem, conforme as conveniências e os interesses imediatos. E nesse manuseio de algarismos e palavras, dados como perspectivas para a nossa produção e a deles, o interesse manifesto de explorar, inclusive, nossa tradicional ingenuidade e gosto manifesto pelas grandezas.

De um lado, no momento que antecede a época de fixação de preço para a comercialização da soja brasileira, "estradulam" com liberalidade a nossa produção, mesmo sob acentuado risco de erro, em face de uma previsão antecedida de quatro meses. De outro lado, sob um ainda maior risco de erro, visto que antecedida de 10 meses, ameaçam com uma produção própria superior em 8% a área cultivada no ano anterior.

Para o observador isento, torna-se evidente a intenção de manipular preços, o que aliás, é perfeitamente válido numa sociedade de livre iniciativa. Mas o que se nos afigura lamentável, até jocoso, é a facilidade com que essas notícias encontram espaço nos veículos de comunicação brasileiros e até mesmo em publicações editadas sob a responsabilidade de organizações técnicas, que deveriam ter o devido senso crítico para rejeitá-las in limine.

Usando de nossa ingenuidade característica e mesmo da tendência brasileira para o ufanismo, as multinacionais fazem uso da própria imprensa para disseminar notícias contrárias aos nossos interesses. O caso da soja é típico. Quando temos soja para vender, promovem-se guerras psicológicas de excesso de oferta; quando nossa produção já está colocada ou comprometida, noticiam-se cataclismos imaginários, para justificar elevação dos preços no mercado. Até quando as multinacionais tirarão proveito da nossa ingenuidade?

JORNAL AMERICANO E A INFLAÇÃO MUNDIAL

O conservador "Wall Street Journal", órgão porta-voz das altas finanças dos Estados Unidos, em editorial publicado em sua edição de 10 de abril último, disse que a verdadeira causa da instabilidade econômica mundial não está na política petrolífera dos países subdesenvolvidos, mas sim na política fiscal e monetária das nações desenvolvidas.

O jornal acha que os Estados Unidos deviam apoiar, na reunião sobre energia de Paris, as idéias defendidas pela Alemanha, França, Japão e dos países árabes, sobre a forma de se combater a inflação mundial, "ao invés de falar de convênios sobre matérias-primas como o petróleo".

Entende o "Wall Street Journal" que toda a problemática reside na necessidade de paridade entre o crescimento do Produto Nacional Bruto e a circulação monetária de cada país. Se as nações produtoras de petróleo ou as consumidoras conseguirem algum dia reconstruir o sistema monetário internacional, de maneira que o crescimento monetário seja igual à produção, "desaparecerá a maioria dos problemas criados pelas matérias-primas, cujos preços mudam constantemente".

O editorial do jornal financeiro americano encontra unidade de ponto-de-vista junto ao Xá Reza Pahlavi, do Irã, que em entrevista a United Press International (UPI), afirmou que os preços do petróleo poderão voltar a aumentar, se os países desenvolvidos do Ocidente não conseguirem controlar a inflação e continuarem aumentando o custo de suas exportações.

Sem se aprofundar na análise da economia, a nível internacional, o jornal norte-americano, tan-

to quando o Xá Reza Pahlavi, mostram que não se precisa necessariamente ser economista para saber que numa economia de escala como a que praticamos, a reação dos preços de matérias-primas nobres como a do petróleo, é o reflexo da própria inflação exportada pelos países ricos do Ocidente.

Que esperam os empresários e financistas do mundo supradesenvolvido quando vendem suas máquinas ou colocam seu padrão monetário em escala crescente de valor, senão a elevação proporcional do valor das matérias primas estratégicas. Talvez os países da OPEP sejam os únicos que têm condições, hoje, de falar em termos de contenção àqueles empresários e financistas. Possuidores de uma matéria-prima de caráter nobre, esses países parecem estar tentando lembrar "Wall Street" que aquele que exporta inflação não pode receber de volta um regime de deflação.

É preciso saber que nunca, em qualquer época do mundo dos negócios, países de economia dependente impuseram preços e condições aos países de economia consolidada. É chegada a hora de empresários e financistas que compõem a nominata do fechadíssimo "clube dos ricos", entenderem que a tomada de posição ensaiada, com êxito, pelos componentes da OPEP, é o reflexo de sua própria política de "lucros crescentes". Agindo com efeito de boumange, a ação econômica das nações ricas parece voltar-se agora contra seus próprios criadores. Pois é evidente que os países possuidores de petróleo descobriram agora, que detêm um trunfo de real significação, se usado com unidade por seus possuidores.

NO MÉXICO A I CONFERÊNCIA LATINO AMERICANA DA SOJA

CIDADE DO MÉXICO — Realiza-se aqui, de 9 a 12 de novembro deste ano, a Primeira Conferência Latino-Americana da Soja. O encontro será patrocinado pela Associação Americana de Soja e Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Entre os temas que serão abordados destacam-se na pauta: farinha de soja para alimentação infantil, mulheres grávidas e lactantes. Proteínas de soja texturizada para ser consumida em substituição a carne, proteína de soja concentrada, isolada e hidroliza-

da para uso industrial em geral.

Haverá uma sala para exposição das principais empresas fabricantes de produtos de soja para consumo humano, com amostras de alimentos frios e quentes que poderão ser experimentados pelos participantes. Haverá também exposição de maquinaria para processar soja.

Os trabalhos serão apresentados pelos maiores especialistas do setor, tanto da Améri-

ca Latina como dos Estados Unidos, Canadá, Europa e Extremo Oriente. Todas as sessões serão traduzidas simultaneamente para o espanhol e inglês. Haverá também seminários para esclarecimentos mais detalhados com base em perguntas dos assistentes.

A inscrição custará 50 dólares por pessoa. Os interessados terão maiores detalhes escrevendo para: Comitê Organizador da Primeira Conferência Latino-Americana sobre a Soja. Rio Sena, nº 26-201, México 5, DF.

NORMAN BORLAUG E A CRISE DE ALIMENTOS



O sr. Norman Borlaug, quando em visita a COTRIJUI em outubro do ano passado.

MÉXICO — "Se tivéssemos trabalhado juntos, a crise de alimentos que ora se observa poderia ter sido evitada". Com essas palavras, Norman Borlaug, pesquisador norte-americano há anos radicado no México, Prêmio Nobel da Paz de 1970, pediu a todas as nações que se unam em um esforço conjunto para resolver a crise mundial de alimentos.

O apelo foi dirigido aos delegados dos países latino-americanos, dos Estados Unidos, Canadá e outras nações, que se reuniram nesta capital, juntamente com representantes de organismos internacionais, para tomar parte na conferência sobre população.

Borlaug explicou que mui-

tos países dependem consideravelmente das importações de gêneros alimentícios dos maiores produtores e que as grandes colheitas registradas até 1971 fizeram descer os preços dos produtos, o que acentuou essa dependência. Todavia, até o fim de 1974 as colheitas caíram a razão de 3,2 por cento, provocando a atual crise mundial de alimentos.

Declarou também que embora a situação seja precária em muitas partes do mundo, a crise pode ser aliviada mediante uma ação conjunta de todas as nações. Essa ação deve concentrar-se principalmente em estímulos

aos agricultores. Créditos, garantias de preços mínimos aplicação de novas técnicas e uso de melhores adubos e sementes. Desse modo, o mundo terá os alimentos necessários para atender a demanda da população, que aumenta a razão de 100 milhões de bocas por ano e o crescimento da demanda de alimentos a razão de 30 milhões de toneladas anuais.

Finalmente, disse o sr. Borlaug que "todos os países devem trabalhar por um mundo mais estável, política, econômica e socialmente. Com fome, a estabilidade política e social periga em suas bases e não pode haver aumento de produção".

CRISE DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA ALEMÃ

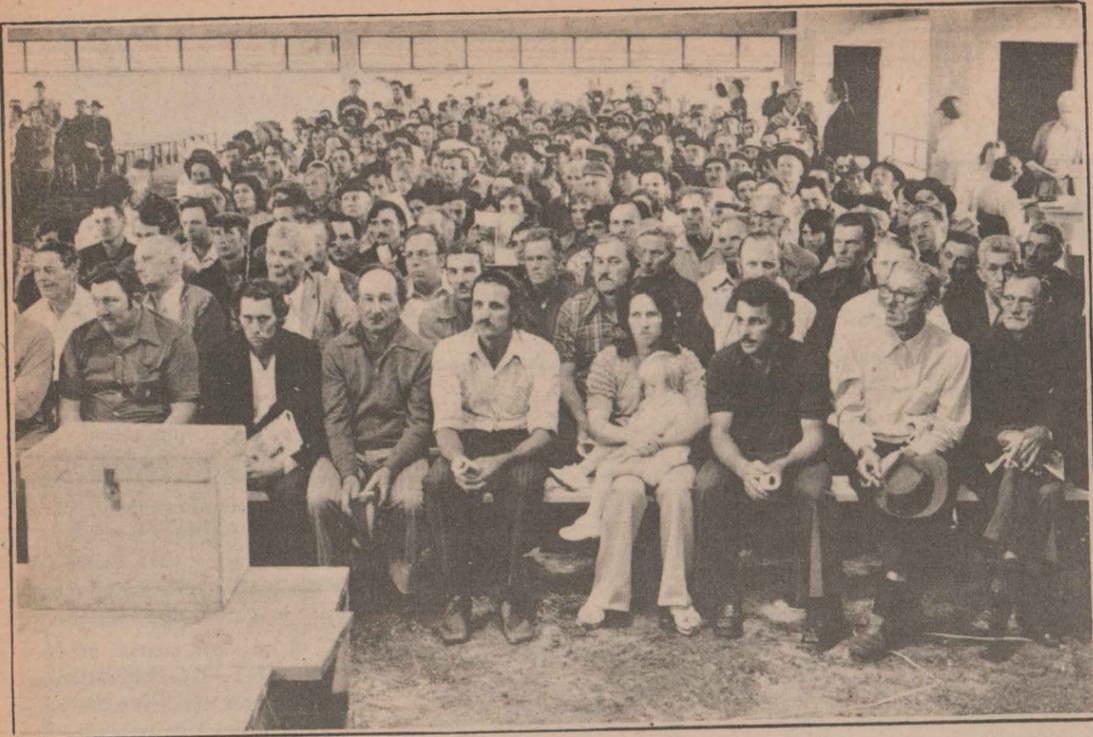
BONN — A empresa Volkswagen vai demitir, no decorrer dos próximos 20 meses, 25 mil operários de suas fábricas localizadas em Bonn, Wolfsburg e Colonia — na Alemanha Ocidental — e Detroit e Englewood Cliffs, nos Estados Unidos.

O anúncio, que preocupou milhares de operários alemães e seus familiares, além de outras pessoas direta ou indiretamente vinculadas à in-

dústria automobilística, foi feito durante entrevista coletiva à imprensa no último dia 15 de abril, pelo presidente da junta de diretores da Volkswagen Mundial, Toni Schmücker. Segundo o anúncio, as despesas reduzirão de 137 mil para 112 mil operários a força de trabalho da empresa.

O presidente da Volkswagen do Brasil, sr. Wolfgang Sauer, em

vista das informações críticas em relação a matriz da empresa na Alemanha, afirmou a disposição da subsidiária brasileira de continuar investindo no país. Reafirmou o sr. Sauer a inauguração ainda neste ano de novas alas da fábrica de Taubaté, interior de São Paulo, no vale do Paraíba, onde também produzirá motores e câmbio para exportação.



Na foto vista parcial da assembléia, já na sede nova.

ASSEMBLÉIA DA COTRIJUI REVIU SUAS REALIZAÇÕES NO EXERCÍCIO DE 1974



Parcial da mesa que dirigiu os trabalhos

Projeto de colonização na Amazônia, Cotriexport S.A. — Exportação e Importação, fábrica de óleo em Rio Grande, entrada da cooperativa na área da assistência hospitalar direta, retorno de valores a título de sobras do exercício, conclusão das obras do Terminal Graneleiro de Rio Grande e aumento da capacidade de armazenagem na região de produção, foram algumas das informações ouvidas pelos associados que compuseram o plenário da assembléia geral ordinária de 21 de abril, relativa ao exercício encerrado a 28 de fevereiro.

Foram aprovados pela assembléia, que lotou as dependências do pavilhão principal da nova sede da cooperativa, além do relatório da diretoria e conselhos de administração e fiscal, o balanço do exercício de 1974, destinação de sobras e perdas, a ratificação da autorização de financiamento junto ao BRDE, autorização à diretoria para adquirir, alienar ou onerar bens imóveis e autorização à diretoria para determinar a participação da cooperativa em sociedades não cooperativas.

OS TRABALHOS

Os trabalhos foram instalados, em terceira convocação, às 14 horas, conforme o preceituado pelo edital de convocação publicado conforme o estatuto, nos jornais Correio Serrano e Jornal da Manhã de Ijuí e nas rádio-emissoras Progresso e Repórter, também da cidade de Ijuí, em várias de suas respectivas edições e noticiários.

A mesa foi constituída pelos dirigentes executivos, Ruben Ilgenfritz da Silva, Arnaldo Oscar Drews e Clóvis Adriano Farina, respectivamente, presidente, vice e superintendente; diretores Alceu Carlos Hickenbick, Euclides Casagrande e Oswaldo Miotti; conselheiros Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Dryemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers, e suplentes, Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto e conselheiros fiscais — efetivos — Herbert Hintz, Alfredo Schmidt e Braulio Martins da Rocha. Suplentes — José Cláudio Kohler, Duilio Fachin e Reinoldo Beautinger. Participaram da mesa ainda, em nome do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o economista Avenor Lopes de Aguiar e o gerente da agência de Ijuí do Banco do Brasil, sr. Ubirajara Mendes Serrão. Os trabalhos foram secretaria-

dos pelo funcionário sr. Rui Michel.

O relatório da diretoria foi lido pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva e o balanço do exercício pelo diretor financeiro, bacharel Oswaldo Olmiro Miotti. Lido o balanço financeiro do exercício, o presidente da mesa pediu a assembléia que indicasse o nome daquele que presidiria os trabalhos para a discussão e aprovação do relatório e as contas do exercício. O nome indicado e aprovado pelo plenário foi o do associado Cinibaldo Natal Polo, que assumiu os trabalhos, tendo as matérias submetidas ao julgamento do plenário sido aprovadas por unanimidade.

Reassumindo a presidência dos trabalhos o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva fez um relato pormenorizado das atividades da gestão no decorrer do exercício, dando detalhes sobre os empreendimentos em pauta e as obras realizadas ou ainda em execução, na grande área da cooperativa.

Destacamos, como questões relevantes no decorrer da assembléia, a moção de aplausos à direção da cooperativa pela totalidade dos sindicatos de trabalhadores rurais da região de atuação da COTRIJUI, que publicamos, com o devido destaque, na seção Sindical desta edição e o pagamento, a título de retorno, na rubrica Sobras e Perdas, dos valores de Cr\$2,42 e Cr\$... 0,68, respectivamente, por saca de soja e de trigo, por cada unidade entregue na cooperativa, para comercialização durante o ano comercial encerrado.

CONSELHO FISCAL

Outro destaque da assembléia do dia 21 de abril, foi o rodízio havido no conselho fiscal, que ficou com a seguinte constituição: — membros titulares — Herbert Hintz (reeleito), José Cláudio Kohler (na gestão anterior era 1º suplente); e Jaci Luciano de Souza, Suplentes — Harri Reisdorfer, Flávio Carlos Sperotto e Emílio Hude.

**LEIA
O
CADERNO
DE
BALANÇO**

SIMÕES LOPES NETO NA INTIMIDADE

Vive em Pelotas, em modesta casa localizada no bairro da Várzea, a veneranda senhora D. Ivete Simões Lopes Barcelos Massot. Aposentada do Diário Popular, onde militou como redatora, ressurgiu do anonimato em fins de 1974, quando a Editora Bels, em convênio com o Instituto Estadual do Livro, lançou sua obra "Simões Lopes Neto na Intimidade".

A existência de João Simões Lopes Neto, suas virtudes, seu caráter, sua bondade, sua filosofia de vida, seu feitio, enfim, seus modus vivendi, estão fielmente retratados pela única pessoa viva que poderia tê-lo feito: sua filha.

No prólogo de Simões Lopes Neto na Intimidade, a autora ressalta que "serão aqui retratados por mim, que nasci em seus braços, dele recebi o primeiro beijo, o nome e o batismo, tudo o que conheci dessa vida singular". Talvez não se trate de um documento isento, pois a própria autora confessa em outra parte que: "Será o depoimento do amor filial de quem se criou em seu colo, de quem viu seus braços abertos para estreitar-lhe ao coração quando, com três anos de idade, apenas, havia perdido seu pai".

De qualquer forma, preva-

leçam ou não a afeição e o amor sobre a verdade histórica, as páginas de Simões Lopes Neto na Intimidade são um verdadeiro relicário da vida e costumes gauchescos do fim do século XIX e começos do século XX, da famosa Estância da Graça e da tradicional sociedade pelotense, a mais aristocrática das cidades gaúchas, nos dois primeiros decênios deste século.

Guilhermino Cesar, ao prefaciar a obra, lembrou que ignorávamos muita coisa sobre a família Simões Lopes; os costumes campeiros na velha Estância da Graça, o meio social de Pelotas, os hábitos de vida e de trabalho do rapsodo de Lendas do Sul. Mas Dona Ivete Simões Lopes Neto Barcelos Massot, conjugando a sensibilidade feminina com sua veneração pessoal à memória do "Major Simões", rememora no seu livro — atenta ao valor de certas minúcias, — fatos da maior importância para conhecermos a verdadeira fisionomia moral.

Por que Blau Nunes — o Tapejara — se chamou assim? Como foi que um faxineiro obtuso destruiu os manuscritos tão carinhosamente guardados por Lopes Neto, em sua mesa de trabalho na Opinião Pública? Que

coisas mirabolantes fez seu pai — Catão Simões Lopes — o moço violento que costumava entrar a cavalo nos bailes de fandango do interior? Romualdo, o Barão de Münchhausen rio-grandense teve existência real? Tudo isso, ressalta Guilhermino Cesar, ajuda a compreender a obra do escritor. E tudo isso está explicado e documentado nas páginas do livro de Ivete Simões Lopes Barcelos Massot, uma obra que se fazia necessária ao conhecimento da vida e costumes gauchescos. Parece que seria de excepcional validade para nossa juventude, numa época de reapreciação dos valores autênticos de brasilidade, a condensação de Simões Lopes na Intimidade em livro de caráter didático, para estudo nas escolas brasileiras. Lamentavelmente, vivemos um estágio de menosprezo pelos usos e costumes gauchescos, a despeito da luta valorosa de nossos tradicionalistas.

Ouso, pois, sugerir ao ilustre Secretário da Educação e Cultura, professor Ayrton Santos Vargas, que é também pelotense, determinar o Departamento de Assuntos Culturais da SEC, que estude a possibilidade de relançar, em forma didática, Simões Lopes Neto na Intimidade. (Raul Quevedo).

UM BARÃO DE MUNCHHAUSEN NO RIO GRANDE DO SUL

① jornalista Carlos Reverbel, um paciente pesquisador de bibliotecas, retirou do silêncio dos arquivos o jornal "A Opinião Pública", período de 1914 a 1916, e descobriu um autêntico

Barão de Münchhausen verde e amarelo, que viveu no asfalto pelotense até os últimos anos do século XIX. Foi Romualdo de Abreu e Silva, o narrador dos "fantásticos casos", que João Simões Lopes Neto catalogou e posteriormente publicou com o timbre característico de seu talento regionalista: Casos do Romualdo.

Pouco se sabe a respeito desse Münchhausen gaúcho, que alegrou os serões pelotenses. No dizer de Augusto Meyer, "a vivacidade da imaginação de Romualdo chegou a sugerir-nos o movimento de um desenho animado; a mentira puxa mentira e anda com botas de sete léguas, por trancos e barrancos, mas as criações mais desvairadas são expostas com minúcias de narrador escrupuloso, o que provoca um singular efeito de contrastes, como se Romualdo fosse o guardalivros da mitomania".

A expressão desenho animado corresponde fielmente ao que nos sugerem os capítulos "A quinta de S. Romualdo", o "tatu-rosqueira", A figueira", "Uma balda do Gemada", "Caçar com velas", "O meu rosilho piolho", "O cobertorzinho de Mostardas" "As três cobras" e

muitos outros. E em todos eles, o estilo inconfundível de Simões Lopes. Aliás, ainda segundo Augusto Meyer, tratado por Simões Lopes Neto, o mais banal de nossos temas campeiros, o elogio do cavalo, mantido nos limites da expressão popular que lhe serviu de modelo, atinge uma pureza quase absoluta de originalidade. Sentimos o gesto, a voz, o exagero pitoresco de um gaúcho qualquer ao elogiar o seu cavalo, mas tudo acaba transfundido na harmonia interior de um acento pessoal, que é o seu estilo. Em outro local desta reportagem, publicando "O meu rosilho piolho", damos condições ao leitor de analisar o estilo picaresco de gaúcho taura, que habitou o cérebro privilegiado de Simões Lopes. Quem lê o tradicionalista principalmente em sua obra munchhauseana, não consegue vislumbrar na retina a figura calma e tranqüila do sociólogo rural de Negrinho do pastoreio, o folclorista de Salamanca do jaraú, o poeta de Lunar de Sepê e o rapsodo de Lendas do Sul. Quem criou as figuras míticas do folclore gauchesco também ordenou, literariamente, os tipos quixotescos do Romualdo. Sua obra é vasta e de bom estilo.



D. Ivete Simões Lopes, filha adotiva do regionalista.

O MEU ROSILHO "PIOLHO"

J. SIMÕES LOPES NETO

Não gosto nem admito fanfarrices perto de mim. Freqüentemente encontro sujeitos maturrangos contando façanhas e fazendo gatimônhas de campeiros e a todo instante falando — no meu cavalo... porque o meu cavalo... e o meu cavalo... e vai-se a ver e trata-se de um sotreta qualquer, assoleado ou manco.

Cavalo, o que se diz — cavalo —, de chapéu na mão, foi o meu rosilho "Piolho".

Isso, sim, era de se lavar com um bochecho d'água; de cômodo, era uma rede! de patas, um raio! de rédea, como uma balança! E manso como um cordeiro, de boa boca como um frade, faceiro como uma rosa, e armado, de barba ao peito, como um conde de baralho!

A não ser um azulego do capitão Manduquinha Pereira, nunca encontrei outro pingaço para cotejo. Foi domado pelo Chico Piola e não preciso dizer mais nada.

Morreu de garrotinho, até hoje ainda me treme a raiz da alma quando lembro do garbo do meu rosilho. . .

Uma vez, andava eu, de escoteiro, para as bandas do Alegrete. Calor de rachar. Lá pelas tantas, desviei-me de cruzada sobre uma restinga, disposto a dar um alce ao rosilho e ao mesmo tempo tirar uma sesteada, até abrandar a queuntura.

Apeei-me à sombra de um salsal; dei água ao flete e maneei-o para um verdeiozito. Era ele cavalo mui mestre nestas cousas.

Em seguida estendi os arreios e aplastei-me sobre os pelegos, de carnal prá cima; puxei o chapéu para os olhos e cruzei os braços sobre a boca do estômago, tendo antes posto de jeito o facão e a pistola, por um — se acaso...

Nem as folhas buliam, nem um passarinho cantava, apenas um que outro trilirim de gafanhoto vermelho saltando nas macegas. Nem quero-quero fazia ronda!...

Assim tirei uma cochilada morruda e iria a mais se . . . Amigo! ouvi um tronar forte, de tremer o chão; Era um temporal de verão, desses que não dão tempo nem para se apagar o cigarro!

Foi o quanto saltei das caronas e trouxe o rosilho, enfrenei-o — num vá! — sentei-lhe as garras — num vu! — e montei de pulo... A trovoadá roncava ali, logo no outro lado da canhada.

Via-se cair a chuva, em manga, em linha, e via-se muito bem porque o sol dava de refilão pela esquerda. E todo aquele borbotão d'água que desabava corria sobre mim, no pé-do-vento.

Levantei as rédeas, firmei-me nos estribos e trepei a coxilha. . . e no que achei campo em frente, rumbeei para a estância do falecido João Silvério, que branqueava lá longe, obra de três quartos de légua, cortando a direita.

Nisto senti um — tchá! tchá! tchá! — atrás de mim; olhei, de relancina apenas, porque nem tempo para mais, tive; era o temporal, a bomba d'água que se despenhava, quase nos garrões do rosilho; Foi o quanto amaguei o corpo e toquei, de meia rédea.

Cupins e buracos de caranguejos, tacurus, macegas e carquejas, sangas, lagoas, barrais — o diabo! — não vi nada! Se rodasse, nem o sebo da coalheira se me aproveitava!...

Mas o rosilho "Piolho" era firme e bonzão, sem mais nada! Eu corria é verdade, porém a manga d'água também corria... A polvadeira que eu levantava a chuvarada engolia logo.

Eu sentia-lhe a frescura, percebia que ela estava-me na garupa, na anca do rosilho, nos garrões dele! Um que outro pingo de chuva mais ponteiro batia-me às vezes na aba do chapéu...

Era um duelo esquisito. Um duelo, em que um valente fugia para ficar vencedor!

Vencer, aqui, era chegar enxuto. E assim viemos, eu e a tormenta, na mesma disparada: a que te pego! a que te largo! a que te pego! a que te largo! — Já perto das casas, vi a gente do João Silvério, e ele mesmo, todos de mão em pala sobre os olhos, gozando aquela gauchada.

Isso foi rápido, pois logo todos entraram, a fechar portas e janelas quando viram que eu vinha feito sobre o galpão.

Quando ia mesmo a entrar, saí-me a cachorrada, furiosa, enovelando-se, em latidos e investidas; suspendi a rédea com pena de matar algum debaixo das patas. . .

Olhem que isto foi como um pensamento; mas foi o tempinho bastante para o demônio da chuva molhar a anca do cavalo!

Fiquei furioso! Se não tenho a pieguice de poupar um daqueles ladrões daqueles cachorros, a chuva não me tocava, nem na cola do rosilho: chegaria enxuto!

Assim é que entendo cavalo bom. O João Silvério ficou doudo pelo "Piolho"; dava-me cem onças de ouro, um apéro completo, de pratária lavrada, por fim, de quebra, por causa de tudo ainda me tenteou com um rodeio de tambeiro.

Um horror de propostas. Mas eu não quis. Durante muitos anos aí esteve ele vivo e são, que podia contar este caso, tal qual eu. Hoje não sei que fim levou essa gente, e mesmo se eu quisesse ir agora a essa estância, talvez não atinasse mais com o caminho, por causa da divisão dos campos, estradas novas, cercas e corredores que despistam muito um vaqueano... Mas que o caso passou-se, isso, passou-se! mal... apenas a chuva tocou a anca do baio... e isso mesmo por causa dos cachorros do João Silvério!



Maurício da Silveira, secretário de Turismo e Rui Simões Lopes, sobrinho do tradicionalista.

OS SETE POVOS DAS MISSÕES

As raízes de nossa formação; a gênese de nossa raça, nossos usos e costumes, vêm dos ameríndios que habitavam a terra. Principalmente no que se refere ao Rio Grande do Sul, o indígena era dono e senhor absoluto dos campos e matas que no futuro viria a se constituir no território de São Pedro do Rio Grande do Sul. Um século depois do descobrimento do Brasil e da colonização do litoral atlântico desde Pernambuco até São Paulo, o Rio Grande ainda era praticamente desconhecido.

Conforme relata o professor e antropólogo Danilo Lazzarotto, in "Os sete povos das Missões", caderno nº 2 do IRDOC-FIDENE, três grandes grupos indígenas dominavam os campos rio-grandenses por volta de 1.600. Eram Ge ou Tapuia, que ocupavam os campos de Cima da Serra; Pampeano, com os sub-grupos Charrua e Minuano, que ocupavam o pampa (gaúcho e uruguaio) e a grande raça Guarani, dividida nos sub-grupos: Patos ou Carijó, Arachane e Tapes, na região lindeira a lagoa dos Patos.

A partir de 1610, começaram a surgir as florescentes reduções jesuíticas de Guaira e Missiones, que viria a redundar, por extensão, nos sete povos missioneiros do Brasil, uma vez cruzado o rio Uruguai.

A primeira redução jesuítas em solo gaúcho foi a de São Nicolau, fundada no ano de 1.626. Esse reduto, apesar de dois revezes sofridos — um furacão devastador e um incêndio que destruiu quase tudo conseguiu refazer-se e prosperar. No ano de 1.707 contava uma população de 5.386 habitantes.

Os indígenas, sob a orientação dos jesuítas, não se localizavam desordenadamente. Grupos de líderes acompanhados de missionários seguiam na vanguarda para escolher cuidadosamente os locais da fixação da redução, que era sempre no alto de uma coxilha, com boas terras cultiváveis para a agricultura e água abundante para o povo e para o gado.

A distância entre um povo e outro era de 25 a 30 quilômetros que se constituía num dia de viagem para a época. Da torre da igreja via-se a torre da igreja do povo vizinho, o que facilitava a comunicação, que era feita por sinais convencionais de espelho ou fumaça, em caso de perigo ou necessidade de socorro. Uma vez escolhido o local, vinham os índios construtores para construir os prédios e a igreja. Esta era construída com solidês de verdadeira fortaleza. Com paredes de pedras ligadas com argila, espessura superior a um metro maciço e interligação subterrânea para paiol de munição, despensa e segurança dos padres.

Os Sete Povos Jesuítas que habitavam a região chamada hoje Missioneira, foram São Francisco de Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista e Santo Ângelo Custódio.

O povo que mais prosperou e inclusive que maiores vestígios deixou, foi o de São Miguel Arcanjo. Relata o professor Danilo Lazzarotto, na monografia já citada, que a primitiva redução de São Miguel foi fundada em 1632 pelo padre Cristóvão de Mendoza, à margem direita do rio Ibicuí. Fugindo dos bandeirantes, sua população refugiou-se nas proximidades do rio Conceição. Em 1687, alegando falta de espaço para a expansão de suas lavouras, retornaram fixando-se na bacia do rio Piratini, no local onde existe hoje as famosas ruínas de São Miguel, nas proximidades da cidade de Santo Ângelo. O povo de São Miguel chegou a ter uma população de perto de 5.000 almas.

A famosa igreja das ruínas foi construída pelo arquiteto, padre João Batista Primoli, o mesmo que construiu a catedral de Córdoba e o cabildo e igreja de São Francisco, na cidade de Buenos Aires. A construção da igreja de São Miguel foi erigida no período de 1735 a 1744.

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL

Cada povo regia-se por um governo no estilo das comunidades espanholas na América. No dia 1º de cada ano elegia-se o Cabildo, cuja missão era administrar por um ano. Os eleitos para o Cabildo eram aprovados, formalmente, pelo governador de Buenos Aires.

Cada povo era dividido por classe de profissão, mas tudo dentro de um espírito comunitário onde a todo o cidadão era garantido trabalho, manutenção, educação e proteção, com as responsabilidades inerentes. Os rapazes estavam autorizados e mesmo eram incentivados a casar entre os 15 e 18 anos; as moças entre os 14 e 16 anos. A iniciativa podia partir dos pais do moço ou da moça. Nos casamentos, que geralmente eram realizados em grupos, a comunidade pagava a despesa do banquete e bodas de garantia aos nubentes. Casa, comida, roupa, trabalho e proteção mútua.

A educação, até aos cinco anos, cabia aos pais. Após essa idade, era a criança confiada a alcaides ou aias e aos professores, sem, no entanto, separá-las da família. A frequência à escola era obrigatória dos cinco aos 12 anos. O ensino consistia em sa-

ber ler, escrever, contar e rudimentos de dança e música, exclusivamente de fundo religioso. Instrução mais avançada era concedida aos filhos de caciques e todos os que constituíam certa nobreza de berço.

A HISTÓRIA MISSIONEIRA

Do ponto-de-vista do urbanismo, a região do Alto Uruguai praticamente não tem história. Até mesmo Santo Ângelo, o mais antigo e importante aglomerado urbano de toda a região, mas que já se localiza em área Missioneira típica, mal acabou de completar o primeiro século na condição de cidade.

Mas se ambas as regiões fisiográficas sul-rio-grandenses não ostentam compêndios históricos como núcleos urbanos, têm a mostrar volumosos tratados de arqueologia, se analisados pelo lado do primitivismo das raças que as habitaram. E tudo isso, devidamente catalogado e organizado, como um livro composto com letras garrafaís, encontra-se no Museu Antropológico Diretor Pestana, em Ijuí.

Fundado a 25 de maio de 1961, por iniciativa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da FIDENE e trabalho pessoal do professor Martin Fischer, que o dirigiu durante nove anos consecutivos, além do esforço abnegado dos professores Mário Osório Marques (Frei Matias) e Argemiro Jacob Brum, o museu completa neste mês 14 anos de atividades a serviço da cultura ijuicense e regional.

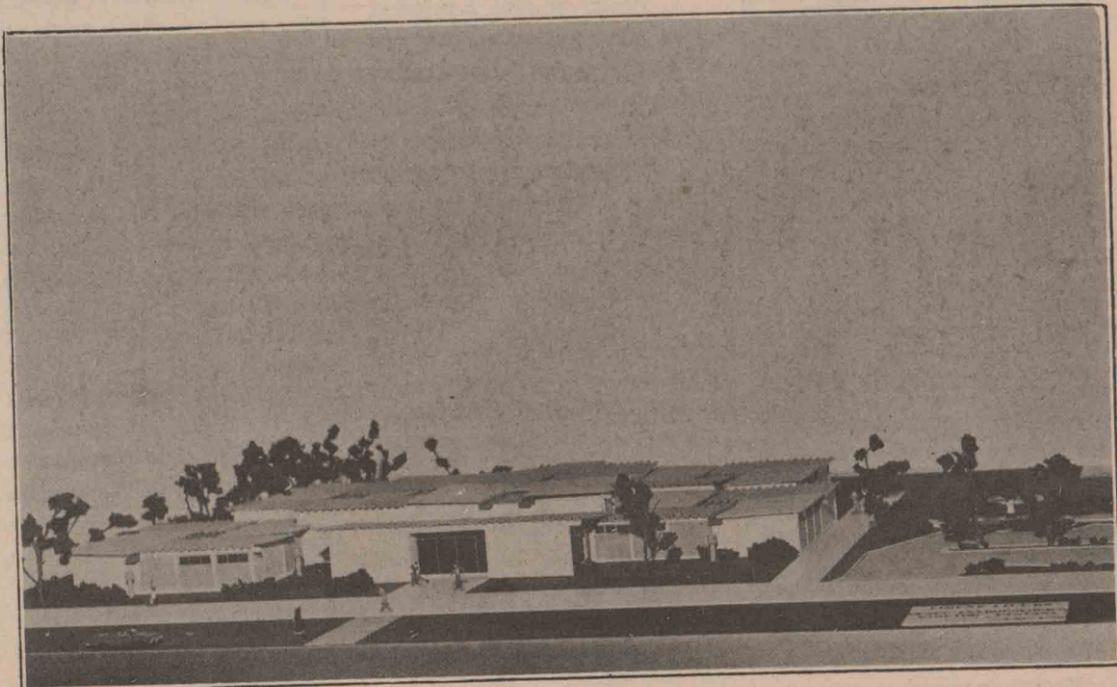
É patrono do museu o engenheiro Augusto Pestana, diretor da então Colônia de Ijuí, consolidador do município e líder de sua emancipação. Quando de sua fundação o museu foi instalado em sede provisória à rua



Ruínas de São Miguel, nas proximidades de Santo Ângelo.

Barão do Rio Branco, tendo se transferido posteriormente para um salão no quarto pavimento do edifício da FIDENE. Atualmente está instalado no 2º andar, ala norte do antigo Seminário São Geraldo. As mudanças havidas, segundo seu diretor, professor Jaeme Luiz Callai, têm procurado sempre satisfazer as exigências de espaço e a adequação do museu às necessidades e planos da Faculdade de Filosofia e da própria FIDENE.

O projeto da nova sede do museu, com um pavilhão já em obras, vai solucionar o problema de espaço e a conservação das valiosas peças do seu acervo, em 1.500 metros quadrados de área construída. O projeto prevê, numa arquitetura moderna e funcional, além do espaço para o acervo, salas para exposição, depósito, laboratório, conferências e projeções, arquivo e administração.



Vista frontal do projeto do museu.

VALE AMAZÔNICO, UM MUNDO PARA SER CONQUISTADO

O que se constitui na expressão Vale Amazônico, em termos gerais? A pergunta é de resposta difícil e bem mais difícil se torna se acrescentarmos ainda perguntas relacionadas com clima, coordenadas geográficas, topografia, geoeconomia e seus diversos fatores de ordem ecológica global. Fauna, flora, rios e regime de solos.

O poeta Menotti Del Picchia, referindo-se à Amazônia, disse que trata-se de "um mundo à espera do mundo". Realmente, nesse mundo, quase tudo está ainda por ser descoberto.

Somente os estados do Amazonas e do Pará, em conjunto, somam a superfície de 3.200.000 quilômetros quadrados. Terra

fascinadora, de rios sedutores e que pode se transformar em fonte de abastecimento para o mundo. Essa terra fascinadora, na linguagem mística de Antonio Espirito Santo, "foi plantada de beleza pelas sábias mãos do Criador, no esplendoroso Vale Amazônico". Esse jornalista, sobrevoando a área, disse que fotografou na retina um só panorama, sem limites e sem fronteiras salientes, divisando apenas e sempre o vastíssimo lençol verde das matas tranquilas.

Sem dúvida, a visão da Amazônia é empolgante. Vista do alto, a mata gigante ao se estender pelas extensões até formar a linha do horizonte, que se renova a cada instante, só é cortada por caudalosos rios que formam figuras geométricas nos baixios



Tronco de Apuí. Compare-se sua circunferência em relação a um homem. Foto de Jablonsky, do Conselho Nacional de Geografia.

da mata, como se fossem serpentes gigantescas na visão de um sonho ciclópico aterrador. Mas o panorama é belo naquela vasti-

dão geográfica, que abrange quase um continente.

Na expressão do já citado Antonio Espirito

Santo, a Amazônia é um gigantesco retrato policrômico na eternizada festa de um mundo inteiramente colorido.

EM PODER DO INCRA PROJETO COTRIJUI-AMAZÔNIA

O diretor-presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, entregou ao presidente do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Lourenço Vieira da Silva, a 14 de abril último, em Brasília, o projeto de viabilidade de transferência de agricultores de sua área de ação para a região Amazônica.

O projeto, que redundará na constituição da COTRIJUI-NORTE, tem em vista a transferência de 200 famílias que começarão a ser deslocadas para a região, num prazo de três anos, e a implantação global do projeto no prazo de 10 anos.

A área a ser colonizada pela COTRIJUI abrange 400 mil hectares. Situa-se no município de Altamira, no estado do Pará, microregião do Xingu.

A tabela abaixo mostra as distâncias da área do projeto, em quilômetros, de pontos econômicos e políticos de real importância:

Altamira	135
Vitória (porto fluvial do Xingu)	180
Remanso do Pontal (porto fluvial Xingu)	200
Itaituba (porto fluvial do Tapajós)	325
Santarém (porto do Tapajós e Amazonas)	400
Belém (capital do estado do Pará)	1.350
Brasília (capital federal)	2.300
São Paulo	3.390
Rio de Janeiro	3.510
Porto Alegre	4.440
Ijuí	4.420

ASPECTOS FÍSICOS

O município de Altamira se situa em região de clima seco, mas com boa proporção de chuvas no outono e em determinados meses do verão. A precipitação média anual (chuvas) é de cerca de 1.700 milímetros. A média anual de temperaturas oscila em torno de 26 graus centígrados, com temperaturas máximas de 31º nos meses de setembro a dezembro e mínimas nos primeiros meses do ano, em torno de 21º.

A umidade relativa do ar apresenta médias anuais de 85%, sendo mínima de 80% em dezembro e máxima de 90% em maio, segundo registros do Instituto Agrônomo do Norte (IPEAN), levantado num período que corresponde aos anos de 1931-1967.

VEGETAÇÃO

Levantamento feito na área pelos técnicos da empresa Desenvolvi-

mento e Sistemas S.A. — Consultores, contratada pela COTRIJUI, diz que a fisionomia vegetal da região mostra uma ecologia correspondente a ambientes morfológicos diferentes e variados. Essa densidade vegetal, segundo os botânicos, é típica dos caracteres morfológicos do solo analisado, com elevada frequência de madeiras de lei comercializáveis e em condições de receberem os processos modernos de extração mecanizada, portanto, com elevada produtividade.

RECURSOS HÍDRICOS

O município de Altamira, cuja superfície é de 153.862 Km², está situado na bacia do rio Xingu, um dos mais importantes afluentes da margem direita do rio Amazonas. O Xingu é navegável até sua interseção com a rodovia Transamazônica. Em época de cheias, o calado permitido atinge seis metros e nas vazantes, cujo período crítico ocorre nos meses de outubro a dezembro, o calado baixa para 2,5 metros. O rio Tapajós é navegável até Itaituba, com calado variando de 6 a 2 metros, respectivamente, entre as cheias e vazantes.

Afluentes e subafluentes do Xingu compõem uma vasta rede hidrográfica suplementar que além da navegação interior representa papel importante como fonte de abastecimento de água para consumo doméstico ou industrial, para a irrigação e geração de energia.

CULTURAS AGRÍCOLAS

Um levantamento das áreas cultivadas ou produções colhidas no final do ano de 1974, com base em informações dos técnicos do INCRA, na região, mostrou as culturas com maiores áreas e melhores rendimentos: cacau - área plantada, 120/140 hectares, prevendo-se uma expansão até 1.000 ha. Rendimentos médios hoje, 20 a 25 sacos de 60 quilos. Pimenta-do-reino - área plantada de 150 ha. Rendimento inicial de 1 a 1,5 kg/pé. Arroz. Área plantada de 8.000 ha, com rendimento médio de 25 sacos de 50 quilos por hectare. Milho. Área plantada ao redor de 1.000 ha, com rendimentos médios de 25 sacos de 60 quilos. Em 1974 foram produzidos 25 mil sacos de 60 quilos. Feijão. Apesar da má qualidade das sementes, os técnicos previam a colheita de 8.000 sacos de 60 quilos ao fim de 1974. A cana-de-açúcar é cultivada em cerca de 500 hectares em áreas colonizadas pelo INCRA na região. Os rendimentos andam em torno de 100 toneladas por ha. Cultivam-se também em pequena escala, banana, algodão e café. Os técnicos argumentam que todas as perspectivas e mesmo as médias de produção podem ser estraduladas ao máximo, em vista da agricultura praticada na Amazônia, mesmo em áreas colonizadas pelo INCRA, ser pobre de técnica.

GAÚCHO CULTIVA SOJA DESDE O ANO DE 1900

N. 1 ANNO V. PELOTAS, 31 DE JULHO DE 1901 Pag. 1

REVISTA AGRICOLA DO RIO GRANDE DO SUL

SUMMARIO

Dr. Nelson Vieira.—A Revista.	Sociedade Agrícola Pastoral.—Sessão de 10 de Julho de 1901
Dr. Minssen.—Agricultura.—A soja.	Natiário.—Reconstituição de muitas—Bacilos—Fedier
A. Conjur.—Estados Agrícolas.	—Correios—Distribuição de sementes—Diph
Dr. Luis Pereira Barreto.—O problema da imigração	—Rizete das águas—Industria Extrativa—O mol na
conjugada para o Brasil.	—Energia—A Rante—Comercio de frutas—Anu
Habela Gêos.—Veterinária—das principais doenças	—do cultivo de legumes.
do curucuro e de seu tratamento na Republica Ar	A Rodação.—Conselhos praticos.
gentina.	G. Minssen.—Estação meteorologica da Lycer Rio Gran
R. A.—Titulo de secretario.	dade de Agronomia e Condicoes gerais da mesa.

Correspondência do diplomata Raul Bopp ao jornalista Eurico Rodrigues, do Correio do Povo, após haver sido divulgada no matutino porto-alegrense, passou a merecer destaque nos demais veículos de comunicação. A matéria, que mereceu destaque também no COTRIJORNAL (edição nº 2, de setembro de 1973, dizia que "as primeiras sementes de soja cultivadas no Brasil, foram no ano de 1930", enviadas do Oriente pelo referido diplomata, com o "apoio do embaixador Alencastro Guimarães e do então ministro da Agricultura, sr. Fernando Costa".

Durante estada em Pelotas, o redator do COTRIJORNAL descobriu que no Rio Grande do Sul a leguminosa é cultivada, no mínimo, desde 1900 e no Brasil, desde 1880. A fonte em referência é a Revista Agrícola do Rio Grande do Sul, fundada e dirigida pelo dr. Nunes Vieira, a partir de 1896, e o autor da pesquisa o professor Henrique Carlos de Moraes, diretor do Museu da Biblioteca Pública da Princesa do Sul.

Ao passar às mãos do redator do COTRIJORNAL cópias xerográficas da revista — Ano 5, de 31 de julho de 1901, páginas 2, 3 e 4 — o professor Henrique Carlos de Moraes anexou o seguinte bilhete: "Soja. A primeira experiência da introdução da soja no Rio Grande do Sul de que temos conhecimento, foi feita pelo agrônomo dr. A. Wellhäuser, agricultor em Dom Pedrito. O cidadão obteve resultados tão satisfatórios que pretendeu dar maior desenvolvimento à sua cultura. Vide a Revista Agrícola do Rio Grande do Sul, ano 5, páginas 2 a 4, onde encontramos o parecer dessa cultura pelo saudoso prof. Dr. Guilherme Minssen, de nacionalidade suíça, e notável professor da tradicional Escola de Agronomia "Eliseu Maciel", a mais antiga do Brasil.

Para o jornalista amigo Quevedo. Presente. Pelotas, 7 de abril de 1975. Henrique C. de Moraes".

O PASSADO DA SOJA
Dada a importância do as-

sunto, tendo em vista principalmente os pesquisadores da história da agricultura gaúcha e brasileira, vamos transcrever, na íntegra, o conteúdo das páginas 2 a 4 da mencionada publicação, antecipando informações que serão úteis à compreensão, no transcorrer da leitura. Cacimbinhas é o atual município de Pinheiro Machado. O Instituto Agronômico de Campinas — São Paulo — desenvolvia, na época, intensas pesquisas em torna da soja. O Dr. Gustavo d'Utra, do Instituto paulista já aconselhava o plantio em linhas de 50 centímetros, no mínimo, o que nos mantém até hoje. A grafia foi atualizada. Aqui, a matéria da revista.

AGRICULTURA

A soja (Resposta ao sr. V.B.R. — Cacimbinhas).

"Um dos nossos assinantes, cuja iniciativa em matéria de introdução de plantas úteis pouco ou não vulgarizadas na agricultura riograndense mereceu todos os louvores, nos pediu informações a respeito da planta cujo nome encima este artigo. Folgamos em poder fornecer-lhe estas informações, maxime por tratar-se de uma planta cuja cultura tem toda a probabilidade de prosperar neste Estado.

A única experiência da introdução no Rio Grande do Sul de que temos conhecimento foi feita pelo agrônomo Dr. Wellhäuser, agricultor em D. Pedrito, e o mesmo cidadão nos disse ter obtido resultados tão satisfatórios, que pretende dar muito mais desenvolvimento à sua cultura. Não duvidamos que o nosso digno correspondente possa obter indicações mais completas sobre os resultados pelo Sr. Dr. A. Wellhäuser e talvez lhe seja possível obter por seu intermediário, alguma porção de sementes para os ensaios que pretende fazer.

Origem — A soja (Soja hispida, Moensh) não é de vulgarização muito antiga na agricultura europeia. Se bem que não tenhamos informação fidedigna da época exata da sua importação, foi entre 1880 a 1890 que a planta se tornou verdadeiramente conhecida entre os agri-

cultores da Europa. Na Ásia, ao contrário, e particularmente na China e no Japão, esta planta é cultivada muito antigamente como planta alimentícia. O Sr. Lachaune, em 1875, recomendou pela primeira vez sua cultura na França, em consequência dos ensaios muito bem sucedidos que fez. Em 1874, sementes de soja foram importadas do México, e esta procedência nos faz supor que a planta existia no novo continente antes da sua introdução na Europa, sem que isto passe de uma mera hipótese.

Várias sociedades, entre as quais a Sociedade de Acclimação, em Paris, empenharam-se na sua vulgarização, distribuindo estas sementes vindas do México, e a Sociedade Hortícola de Etampes (França) perseverou na tentativa, conseguindo criar uma variedade adaptada ao clima local e que é hoje a mais conhecida sob o nome de Soja de Etampes. A planta era até então conhecida sob o nome de Ervilha oleaginosas da China, por causa da grande quantidade de matérias graxas contidas nas suas sementes (5 a 6 vezes mais do que nas sementes da mesma família). Um agrônomo russo, o Sr. Ovsinski, importou diretamente sementes da China, em 1898 ou 1899, procurando obter uma variedade mais precoce e mais resistente ao frio.

O Sr. Czeczott, agricultor russo, também ensaiou a planta em vista da aclimação em regiões frias. Em 1898, a soja principiou a vulgarizar-se muito em Provença, no sul da França. Há anos que a planta está cultivada na Europa Central, assim como no Tirol e na Istria.

A sua introdução no Brasil data já de alguns anos. O Dr. Gustavo d'Utra, diretor da Instituto de Agronomia de Campinas, experimentou a sua cultura na Bahia no ano de 1882, com muito êxito e repetiu essas experiências, igualmente com bom resultado, no campo de ensaios do Instituto. Tratando desta planta, diz o ilustre agrônomo que a soja tem se adaptado maravilhosamente ao clima de S. Paulo.

Descrição — A soja pertence à família das Leguminosas de que possui todos os caracteres essenciais e tem muita analogia com o feijão, podendo ser considerada como um sucedâneo desta planta sobre a qual tem a vantagem de se poder utilizar como forragem. É anual. Possui um caule ramificado, anguloso, felpudo, de porte vigoroso, erecto, suportado por um sistema radicular pouco desenvolvido e muito semelhante ao do feijão. As folhas são com-

postas de três folíolos de forma lanceolada, sendo o folíolo mediano mais desenvolvido do que os outros, sobre um pecíolo grosso e longo. O limbo das folhas é felpudo nas duas páginas e os pelos da face inferior são mais rígidos. A produção de folhas é muito abundante. As flores, que nascem em número de duas sobre um pedúnculo comum saindo da axila das folhas, são muito pequenas, de uma cor branca azulada e com as pétalas pouco abertas. São também produzidas em grande abundância, principalmente na parte mediana da planta. As vagens têm o comprimento de uma ou duas polegadas; são inteiramente felpudas e contêm habitualmente duas, às vezes três sementes. Estas se parecem muito de forma, tamanho e sabor, com as de ervilha, são um tanto achatadas, de colorido variável conforme as variedades, e com o umbigo partido.

A planta toda se caracteriza pelo seu aspecto felpudo; seus pelos lhe dão a propriedade de preciosa de não se deixar invadir pelas doenças criptogâmicas nem pelo pulgão, que causam tantos prejuízos à culturas de ervilhas, favas e feijão.

As sementes são muito nutritivas, devido à sua grande riqueza de azoto, maior do que nas outras leguminosas.

Variiedades — Existem numerosas variedades entre as quais as mais conhecidas são:

A soja da China de sementes amareladas com umbigos partidos; a soja de Etampes de sementes amarelas claras com umbigo branco; a soja verde de sementes verdes, quase redondas e umbigo partido; a soja verde claro com sementes verdes, um pouco achatadas, e umbigo partido.

O Sr. Ovsinski trouxe da China duas variedades próprias para climas frios, uma das quais tem as sementes quase pretas, e que são denominadas soja da Podolia.

Usos — A principal utilização da soja é na alimentação humana. É cultivada para este fim principal em toda a parte onde sua cultura se tem propagado. As sementes se comem e depois de secas, mas necessitam muito tempo para ficarem cozidas; não se desmancham cozendo.

O Sr. Blavat, presidente da Sociedade Hortícola de Etampes, aconselha mergulhar as sementes secas em água fervendo, retirando-as ao fim de cinco minutos para cozinhá-las em outra água. As sementes apanhadas um pouco antes de serem maduras são muito mais tenras e cozem facilmente. Na Europa

Central emprega-se a soja como sucedâneo do café.

O Dr. Menudier, médico e agrônomo francês que se ocupou muito das propriedades da soja, recomenda e seu emprego na alimentação dos diabéticos. Segundo este autor, se obtém a cura do diabetes por um regime apropriado em que se substitui o pão de soja ao pão de trigo; este pão é, com efeito duas vezes mais pobre de amido do que o pão de trigo.

Os japoneses preparam com as sementes moídas e submetidas à fermentação um alimento muito análogo ao queijo e as empregam neste estado como tempero em outras preparações.

O Sr. Czeczott aconselha a extração do óleo que as sementes contêm em proporção que atinge até 19%, em certas plantas, podendo os resíduos ser aproveitados na alimentação dos animais.

Finalmente, a soja constitui uma planta forrageira de primeira ordem, não só em razão da sua grande riqueza de azoto, como também porque a produção de folhas é abundante e que os animais comem com avidez todas as suas partes, mesmo secas.

Clima — A soja não suporta o frio e por este motivo deve ser cultivada no verão. Plantada em climas frios, acontece não chegar a amadurecer suas sementes. Entretanto, a soja de Podolia, introduzida na Rússia pelo sr. Ovsinski, tem se adaptado a um clima de verão curto.

Na Europa, a planta prospera particularmente no clima mediterrâneo. O Sr. Julio Farcy, professor departamental de agricultura em França, considera a soja de Etampes maravilhosamente adaptada ao clima da Provença, que é muito semelhante ao do Rio Grande do Sul, e é mais seco ainda; o mesmo autor cita sua grande resistência à seca. Pensamos, pois, que a sua aclimação neste estado não apresentaria nenhuma dificuldade. Aliás, a experiência do agrônomo A. Wellhäuser, em D. Pedrito, prova que a sua cultura é possível e até produtiva debaixo deste clima. É cultivada na Lituânia debaixo de um clima úmido e frio, e na Podolia em clima seco e quente, o que prova a sua facilidade de adaptação e condições variadas.

Cultura — Na falta de outras qualidades, o fato de ser uma Leguminosa, bastaria para recomendar a soja, sob o ponto de vista puramente cultural, em consequência da propriedade comum a todas as plantas desta família de enriquecer o solo de

azoto.

O Sr. Farcy salienta o papel da soja nos adubamentos da Provença, em que o clima é árido, as terras pouco férteis, o gado muito raro e onde o agricultor luta, portanto, com sérias dificuldades para adubar as terras. Tais condições se encontram frequentemente neste Estado, e em geral no Brasil, em fazendas puramente agrícolas. O Sr. Ovsinski recomenda a sua plantação em terras pouco ricas, pois em terreno muito fértil, a planta produz muitas folhas e poucas vagens. A sua cultura pode ser recomendada em terras depauperadas por uma produção prolongada de cereais como o trigo, a cevada ou a aveia, tanto pela propriedade de fixar o azoto como por ser uma planta capinada e portanto, limpadora; convém, para preparar o terreno em vista de culturas que requerem uma terra limpa, isentas de sementes de plantas adventícias.

A soja é, portanto, pouco exigente em relação à fertilidade da terra; pode ser cultivada em quase todos os terrenos; recebe somente os lugares úmidos, alagadiços ou impermeáveis, em que produz pouca semente.

A cultura é muito semelhante a do feijão; semeia-se a soja, na primavera, quando não se recebe mais as geadas, em terras bem preparadas, em carreiras distantes mais ou menos de dois palmos e meio e deitando três sementes em cada uma. A soja tem um crescimento robusto e rápido; dentro de três meses amadurecem suas sementes. Portanto, semeando em outubro ou novembro, poder-se-á colher em janeiro ou fevereiro. Durante a vegetação, basta conservar o solo limpo, capinando quantas vezes for necessário para isto; este trabalho não oferece dificuldade porque os galhos são rígidos, erectos e se pode chegar facilmente até ao pé da planta com a enxada. Sendo as carreiras um pouco afastadas se pode fazer este trabalho por meio da capinadeira a cavalo. O Dr. Gustavo d'Utra aconselha a sua plantação em linhas distantes de 50 centímetros, deixando os grãos bastante aproximados na linha, isto para facilitar as limpas.

A colheita pode principiar um pouco antes do amadurecimento completo, como já foi dito e não precisa ser feita toda de uma vez, como acontece com o feijão, cujos grãos estragam-se facilmente nas vagens. A soja tem os legumes indecipientes (consistentes) para que se possa deixar as plantas no campo, apanhando as vagens a proporção do gasto, embora já tenha perdido as folhas. Deve se executar a soja de sementes pardas que, segundo o Sr. Czeczott, deixa mais facilmente cair as sementes.

Como se poderá ver pelos algarismos que se seguem, a soja conta-se entre as mais produtivas das Leguminosas. O Dr. Gustavo d'Utra obteve, em cultura experimental, da soja de grãos pretos, 22 litros de grãos limpos de um litro de sementes em uma área de 100 metros quadrados, o que equivale a 2200 litros por hectare; — a soja de grãos amarelos, 23 litros de grãos limpos em 100 metros quadrados, seja 2300 por hectare. O Sr. Ovsinski obteve, na parte quente da Rússia, em boa terra, até 100 grãos por planta, com a soja de sementes pardas; com a soja preta obteve 400 e 500 grãos por planta. O Sr. Czeczott, em clima frio, obteve 155 grãos de semente por planta com a soja parda, 74 grãos com a preta, em culturas de produção e não de experiências. A Sociedade Agrícola de Don, no sudeste da Rússia, mandou proceder a experiência com estas duas variedades e obteve uma produção de 912, 633, 489 kg. por hectare com a soja preta e 815 com a soja parda.

De todas as experiências realizadas resulta que a soja dá-se muito melhor em regiões quentes, e portanto, estes rendimentos obtidos na Rússia, em um clima menos propício do que o Rio Grande do Sul, devem ser considerados como um mínimo, o que fica aliás confirmado pelas experiências de cultura da soja no Estado de S. Paulo. Sem esperar no Rio Grande rendimentos semelhantes aos que obteve o Dr. Gustavo d'Utra em culturas experimentais sempre rodeadas de mais cuidados do que na cultura em pleno campo, é permitido contar com um rendimento nunca inferior a 1000 kg. na cultura produtiva no Rio Grande do Sul.

Ficaremos gratos ao nosso correspondente de Cacimbinhas, se resolver a continuar o cultivo desta planta, e ao sr. Dr. A. Wellhäuser se estas linhas passarem debaixo de suas vistas, pela comunicação dos resultados que obtiverem ou tiverem obtido, os quais teremos muito prazer em acrescentar a estas indicações.

Parece inútil insistir para demonstrar que, pelo que se sabe da soja e das suas experiências culturais no Brasil, se trata de uma planta cuja vulgarização haverá de enriquecer muito valiosamente as aquisições de agricultores rio-grandenses.

G. Minssen

Pela leitura do artigo do professor Guilherme Minssen, da hoje quase centenária Escola de agronomia pelotense, vê-se como eram profundas suas observações a respeito da soja. Seu raciocínio exposto no artigo, passados hoje 75 anos, pode ser dizer que continuam atuais. A matéria do professor Minssen serve ainda para comprovar que o Rio Grande do Sul e o Brasil (Bahia), cultivam soja desde o último quartel do século XIX.

CARTAS CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS PELA REDAÇÃO DO COTRIJORNAL

Registramos as seguintes cartas recebidas pela redação, o que agradecemos:

D.A.C.

Do Departamento de Assistência ao Cooperativismo (DAC), assinada por seu diretor, sr. Adolpho Socias Schlottfeldt: "Senhor presidente da COTRIJORNAL, dr. Ruben Ilgenfritz da Silva. Com real prazer vimos agradecer a V.S. a remessa do COTRIJORNAL nº 18, de abril, tendo o mesmo sido muito apreciado entre os técnicos deste departamento.

Dado o grande interesse que temos em ter a coleção completa do COTRIJORNAL, muito gratos ficaremos caso nos sejam remetidos os nºs 13 a 15 que infelizmente não recebemos. Ass. Adolpho Socias Schlottfeldt, diretor da DAC.

COOPERATIVA DE MARACAJU

Da Cooperativa Mista de Maracaju, assinada pelo técnico agrícola Nelson Dias Neto, que também trabalha para o Centro Regional de Desenvolvimento Agrícola, órgão da Secretaria da Agricultura do Mato Grosso: Tive oportunidade de ler um exemplar do COTRIJORNAL, o qual gostei muito. Se possível gostaria de solicitar-lhes que enviem-me normalmente o jornal, bem como ficarei gratíssimo se me enviarem os números atrasados.

Atualmente estou exercendo a função de técnico agrícola aqui no sul de Mato Grosso pela Secretaria da Agricultura, em convênio com a Cooperativa Agropecuária Mista de Maracaju, no setor de assistência técnica. A falta de orientação técnica nesta região é muito grande, motivo este que me leca a solicitar-lhes a remessa do COTRIJORNAL...

Ass. Nelson Dias Neto.

ITACOARA, RIO DE JANEIRO

Do Departamento de Produção Vegetal, da Secretaria da Agricultura do Rio de Janeiro, assinada pelo eng. agr. A. Angelo Arpini Serafini: "Pelo presente venho agradecer a remessa do COTRIJORNAL, de grande valia a nós técnicos, principalmente de minha parte em face de dirigir uma fazenda experimental. Os assuntos focalizados no COTRIJORNAL constituem o que há de mais atualizado e objetivo. Ass. Angelo Arpini Serafini diretor da F.E. de Itacoara. R.J.

AUBURN, UNIVERSITY

Do engs. agrs. João C. Saibro e Gerz Ernesto Maraschin fazemos curso de extensão na Universidade de Auburn, no Alabama, Estados Unidos: "Notícias vindas do Brasil e de bem perto de casa, amenizam nossa saúde. Há 4 anos que estamos no U.S.A., ansiosos para voltarmos para onde pertencemos. Em setembro deste ano da graça de 1975, estaremos aí. Esperamos contar sempre com o COTRIJORNAL para amenizar a saúde".

ALAGOINHAS, BAHIA

Eng. agr. Jailton de Souza Carmo, rua Rio Branco, 410 Alagoinha, Bahia. "Sou agrônomo e tenho grande interesse em continuar recebendo o nosso COTRIJORNAL.

SINDICATO DE ARROZ

Do secretário-executivo do Sindicato da Indústria do Arroz no Rio Grande do Sul, rua Andrade Neves, 732 — Cachoeira do Sul: "Cabe-me a satisfação de informar que o COTRIJORNAL é muito apreciado aqui. Temos muito interesse em continuar recebendo. Ernesto Strohschoen, secretário-executivo".

NOVA PALMA

"Tive a sorte de entrar em contato com o COTRIJORNAL, vendo nele muitas coisas úteis e aproveitáveis. Em vista de sua utilidade para a nossa agricultura, peço por gentileza se não for contra os seus interesses, enviar-me sempre mais de um exemplar pois são muitos os que querem lê-lo. Milvo Stefanello. Vila Cruz, Nova Palma.

MENEGAZ — PASSO FUNDO

"Nossos cumprimentos pelo belo trabalho jornalístico que se expressa através do COTRIJORNAL. Mesmo não tendo manifestado antes, V.S. podem estar certo que o mesmo tem sido muito apreciado nesta organização. Menegaz S.A. - Ind. e Com., Rua Tiradentes 440 — Passo Fundo.

FIDENE — IJUÍ

"Senhor diretor do COTRIJORNAL. Pela presente vimos solicitar, se possível, os nºs 11, 12, 13, 14 e 15 do COTRIJORNAL, publicado sob a responsabilidade da COTRIJORNAL. Justificamos nossa solicitação

cientificando que mantemos um setor de imprensa na Seção de Documentação do Museu Antropológico Diretor Pestana, da FIDENE, e interessamos-nos todas as publicações da região noroeste do estado, especialmente às referentes à COTRIJORNAL. Leonilda Maria Preisler, secretária-executiva do Museu".

PONTA PORÃ

"Tenho recebido o COTRIJORNAL regularmente. Ele está cada vez melhor. Parabéns. Ademair Train. Av. Internacional, 1505, Ponta Porã — Mato Grosso.

MIRADOR, MARANHÃO

"O COTRIJORNAL está nos ajudando muito, pois estamos incentivando o plantio do feijão soja em nosso município. Outrossim, comunicamos também que nos atualiza com uma organização mais elevada e nos coloca em condições de raciocinar em termos maiores, inclusive com fatos e ocorrências do exterior. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirador. Rua Pres. Castelo Branco, 118, Mirador — Maranhão.

BELO HORIZONTE

"Agradeço o envio de vossos jornal e esclareço que muito tenho aproveitado de seus artigos técnicos, além de outros de muito valor para os conhecimentos gerais. O COTRIJORNAL é muito apreciado entre os colegas da repartição. Antonio Saraiwa, eng. agr. rua Curitiba, 656, 5º andar — Belo Horizonte, MG."

CENTRO NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

"O COTRIJORNAL já deixou de ser apenas um "house organ" para atingir um público numeroso e não necessariamente ligado às atividades da cooperativa. E vai crescer, é certo. Agradecemos, J. Brito, delegado do Centro Nacional de Navegação Transatlântica. Ed. Câmara do Comércio — Rio Grande — RS".

BELÉM, PARÁ

"O COTRIJORNAL é uma publicação valiosa, na qual encontro subsídios de grande importância no ramo que me dedico. Gostarei muito de continuar recebendo-o. Obrigada. Eng. agr. Emídia Coelho Pereira, Secretária da Agricultura, Trav. do Chaco, 22-32, Belém, Pará".

BANCO CENTRAL EXPLICOU PROAGRO NA REGIÃO

O Governo pretende o máximo de incentivos à agricultura e pecuária e vem realmente fazendo esforços nesse sentido. A criação e lançamento do PROAGRO — Programa de Garantia da Atividade Agropecuária — tem conotação com essa política de incentivos.

Durante os dias 24 e 25 de abril, dois inspetores do Banco Central, organismo ao qual ficará afeta a aplicação e disciplina da Lei que criou o PROAGRO, estiveram em Ijuí falando para agentes financeiros, dirigentes e técnicos de cooperativas e empresas rurais

bem como entidades assistenciais e técnicas, sobre a sistemática de aplicação do mesmo. Os inspetores Mário Mexias e José Maria Fabrício falaram na sala 200 da FIDENE para um público realmente interessado, procedente de vários municípios da região.

Além de divulgar o sistema de aplicação do PROAGRO, os inspetores do Banco Central estão colhendo informações e contribuições técnicas, segunda suas próprias palavras, para aprimorar o programa. O inspetor José Maria Fabrício, lotado no banco em Brasília,

afirmou que o programa é dinâmico, sujeito, portanto, a modificações que venham a aprimorá-lo.

O QUE É O PROAGRO?

Na afirmação dos técnicos que estiveram na região, o PROAGRO tem o objetivo de exonerar o produtor rural de obrigações e prejuízos ocorridos em virtude e por consequência de fatores adversos, como sejam: clima adverso, pragas ou doenças cujo controle e combate sejam técnica e economicamente impossíveis.

A cobertura financeira

para os prejuízos é de 80% para o valor financiado, por perda total. A cobertura é, no caso, para prejuízo real e não pelo que o produtor deixou de ganhar, disseram os técnicos, que fazem questão de ressaltar que o PROAGRO não é um seguro agrícola. Ele é uma garantia ao produtor nos casos de perdas totais ou parciais, para as parcelas financiadas. O juro cobrado pelo agente financeiro é de um por cento. (1%) sobre o valor do financiamento, incidente em relação ao prazo da safra financiada, que plantada, colhida e comercializada, leva ao redor de oito

meses, ou uma safra completa.

O valor de um por cento, que os técnicos dizem não ser juro, mas sim um adicional, destina-se a um fundo de reserva que permitirá, no futuro, que as indenizações sejam pagas com o fruto do valor do próprio adicional.

Todo o agente financeiro terá que operar com o PROAGRO, sob pena de não poder trabalhar com crédito rural.

Os leitores interessados em maiores detalhes sobre o PROAGRO podem encontrá-los em nossa edição anterior, o COTRIJORNAL n° 18, que circulou em abril.

SUBSÍDIOS AO FERTILIZANTE É ESTIMULO AO PRODUTOR

O diretor-comercial da COTRIJUI, Alceu Carlos Hickenbick, entende que após esclarecidas as normas de financiamento e subsídios dos fertilizantes a serem aplicados na lavoura do trigo, na próxima safra, o mesmo se revelou benéfico ao produtor. No seu entender, o fato do financiamento ser concedido para uma produtividade de 20 sacas, proporcionará efeitos positivos.

Os agricultores, que até a

safra de 1974 costumavam cultivar alguns hectares a mais do que os financiamentos, as vezes sem a tecnologia necessária, agora com o subsídio, que garante um retorno de 40 por cento do financiamento da compra do adubo e 24 por cento do financiamento total, ele terá vantagem em plantar toda a sua lavoura com recursos financiados.

Outro fator relevante para o produtor, é a participação da cooperativa no mercado de

adubos, que age como fator regulador. Como a cooperativa compra e vende grandes quantidades de fertilizantes, ela pressiona sempre os preços para baixo, obrigando as fábricas a se manterem dentro de margens médias de lucros.

Para que se faça idéia da elevada significação da participação da COTRIJUI no mercado de venda de adubos, basta dizer que o preço do adubo, na primeira quinzena de abril, os-

cilava entre 3.000,00 a 3.600,00 cruzeiros a tonelada. Com a fixação do valor de Cr\$ 2.900,00 a tonelada para a fórmula 9-36-12 fórmula aliás, que a cooperativa vem aconselhando, dado o tipo de solo da região, esse preço passou a prevalecer em toda a sua área de ação, beneficiando a todos.

O sr. Alceu Carlos Hickenbick esclareceu que com as normas do Banco Central, que supõe que todos produzirão 20 sa-

cas de trigo por hectare cultivado, a compra de adubos financiada é igual para todos, ou seja de Cr\$ 801,60 por hectare. Finalizou o sr. Alceu Hickenbick dizendo que com o preço da COTRIJUI e mais o subsídio garantido pelo Governo, é possível ao produtor beneficiar sua terra com 275 quilos de produtos químicos por hectare, a quantidade ideal, segundo os técnicos, devido a acidez de nossas terras.

COTRIJUI ULTRAPASSA 10 MIL ASSOCIADOS

A assembléia geral da COTRIJUI, realizada no último dia 21, entre outros fatores determinantes do crescimento da cooperativa, mostrou que ela já ultrapassou a casa dos 10 mil associados.

A COTRIJUI, agora uma organização de prestígio internacional, foi fundada a 20 de julho de 1957. Portanto, vai completar 18 anos de atividades em julho do corrente ano.

Uma rápida estatística do seu crescimento e expansão em

setores afins, durante esse período, mostra um crescimento marcante com feições quase que verticais. A análise de cinco itens principais em quatro períodos de seu desenvolvimento, dá provas da projeção desse crescimento.

Sua capacidade de armazenamento logo após a fundação em 1957, era de 9.000 toneladas estáticas. Nove anos depois, em 1966, o montante de armazenagem havia crescido para 19.800 toneladas. Num ter-

ceiro período, em 1974, essa capacidade tinha dado um pulo para 410.800 toneladas e atualmente já é de 505.800 toneladas estáticas.

O capital social da cooperativa, de Cr\$ 5.235,00 quando da fundação, somou Cr\$ 600.290,00 em 1966; Cr\$ 20.684.951,64 no ano passado e atingiu Cr\$ 30.098.911,84, na apresentação do balanço do exercício, no último dia 21.

A evolução do quadro de sócios foi a seguinte: 60 em

1957, 4.328 em 1966, 8.966 em 1974 e de 10.052 no relatório do balanço do último dia 21. A produção recebida de 4.295 toneladas na safra de 1957/58 foi para 25.452 em 1966. Dai pulou para 360.591 mil em 1973 e 374.873 mil em 1974.

O volume financeiro de vendas foi de Cr\$ 34.727,25 em 1958, de Cr\$ 73.244,97 em 1966, de Cr\$ 368.085.150,20 em 1973 de Cr\$ 606.494.400,85 no ano de 1974.

Um crescimento, confor-

me se ve, praticamente em ordem vertical. Aliás, conforme se publicou no COTRIJORNAL n° 15, que circulou no mês de dezembro, com base em pesquisa da revista Brasil Exame, de São Paulo, a COTRIJUI estava colocada em 3° lugar em termos de cooperativa em todo o Brasil e em 6° lugar no estado do Rio Grande do Sul, em termos de empreendimentos privados em geral. É digna de nota a evolução do crescimento do quadro social, desde a fundação da cooperativa.

1.200 ASSOCIADOS VISITARAM O TERMINAL DURANTE O VERÃO

Os parciais são: 571 associados homens, 432 mulheres e 18 crianças, perfazendo 1.202 pessoas e com média de 36 pessoas por excursão, visitaram o Terminal Graneleiro COTRIJUI localizado na 4ª Seção da Barra, em Rio Grande, no verão de 1974 1975.

Já se tornaram tradicionais as excursões levadas

a efeito durante as temporadas de veraneio. Associados de toda a região da COTRIJUI inscrevem-se para conhecer ou rever o seu Terminal e também para fazer recreação, após um ano de trabalho. A maioria dos associados vão com as esposas, o que é salutar para ambos.

Além de associados da cooperativa, estudantes

da região e outras categorias profissionais têm procurado conhecer nosso Terminal, o que a cooperativa atendeu, na medida do possível.

Na fotografia aparecem associados da turma de Augusto Pestana, que excursionou a 15 de janeiro, em pose diante dos molhes da barra.



COTRIJUI-ÓLEO EM RIO GRANDE



Em ato levado a efeito na Secretaria da Coordenação e Planejamento, a 15 de abril último, a COTRIJUI assinou o termo de ajuste de localização de sua fábrica de óleo, a se localizar em Rio Grande. A área, constante de 10 hectares, fica junto ao seu

Terminal Graneleiro, no distrito industrial. O documento foi assinado pelo secretário da Coordenação e Planejamento, sr. Eduardo Maurell Muller e pelos srs. Arnaldo Drews e Clóvis Adriano Farina, vice-presidente e diretor superintendente, respectivamente.

O ato contou com a presença da arquiteta Mirna Castella Dani, responsável pela Divisão Técnica do Conselho Especial de Planejamento e Expansão de Distritos Industriais - CEDEPI.

A foto foi tirada na ocasião.

JORNAIS DE EMPRESA TEM CONVENÇÃO EM SÃO PAULO

Realiza-se em São Paulo, na localidade de Águas de São Pedro, a IV Convenção Nacional de Editores de Revistas e Jornais de Empresa - IV CONERJE - no período de 6 a 8 do corrente, promoção da Associação Brasileira de Editores de Jornais de Empresa (ABERJE), que tem sede na capital bandeirante.

As teses a serem apreciadas no conclave, de interesse direto da ABERJE, são: Apreciação do nível e trabalho dos profissionais nas publicações empresariais, Importância do intercâmbio entre publicações empresariais e Adequação da temática aos objetivos da publicação empresarial.

O COTRIJORNAL estará representado no encontro, por seu redator responsável.

DINÂMICA DAS PASTAGENS SEGUNDO ANDRÉ VOISIN

Sob a supervisão técnica do especialista gaúcho Luiz Carlos Pinheiro Machado, a Editora Mestre Jou, de São Paulo, acaba de lançar "Dinâmica das Pastagens" de André Voisin, o discutido inovador da tecnologia das pastagens.

O prefácio da obra foi escrito por outro gaúcho - eng. agr. Nilo Ferreira Romero - o introdutor do método Voisin no Brasil e presidente do Conselho Consultivo do Instituto André Voisin.

O livro contém 412 páginas com excelente apresentação gráfica, como já é tradicional na Mestre Jou. Aborda em detalhes questões relacionadas com aração, gradeação, flora, adubação, vermes úteis ao solo, melhor utilização dos excrementos dos animais, a umidade e a iluminação e seus efeitos sobre os pastos. Preço: Cr\$ 80,00.

PULVERIZADOR com barra frontal para herbicidas

Holder
Trilhotoero



- Permite realizar duas operações ao mesmo tempo: aplicar o herbicida e incorporar com a grade de arrasto.
- Largura da barra: 3 metros.
- Adaptável em qualquer trator c/levante hidráulico 3 pontos e tomada de força universal.
- Economia de combustível e mão de obra.
- Assistência técnica permanente.

Fabricantes:
Trilhotoero
marcas de qualidade e bons serviços
Em Porto Alegre
Rua Dona Teodora 1461 - C.P. 1125
End. Tel. TRILHOTERO

PULVERIZADOR

Holder
Trilhotoero



- Com barras de aspersão de 6, 8, 10 e 12 metros.
- Único c/exclusivo sistema injetor direto.
- Com tanque de 200 a 400 litros, é acoplável em qualquer trator c/levante hidráulico 3 pontos e tomada de força universal.
- Aplica com eficiência os defensivos agrícolas nas culturas de trigo, soja, etc.
- Sua versatilidade permite também o uso do Turbo-Hélice, para pulverização de cafezais, pomares, etc., ou pistolas de pulverização manual.
- Assistência técnica permanente.

Fabricantes:
Trilhotoero
marcas de qualidade e bons serviços
Em Porto Alegre
Rua Dona Teodora 1461 - C.P. 1125
End. Tel. TRILHOTERO

BRIGA DE GALO

A rinha foi proibida pelo ex-presidente Jânio Quadros, e os rinhadeiros fechados. Essa medida presidencial revoltou milhares de aficionados em todo o Brasil, que têm na rinha seu esporte predileto. Dizem os galistas, que quando o presidente foi deposto, os mais fanáticos patrocinaram rinhas com dezenas de pares de galos no mesmo rinhadeiro e depois tomaram banho com o sangue derramado, para comemorar a ocorrência política...

Há quem diga também que os galistas encarnam hoje a volúpia sanguinária dos antigos romanos, delirando de frenesi com o sangue derramado no ringue pelos humildes galináceos, como se fos-

sem antigos cristãos justicados pelas garras dos leões por ordem de Calígula. Mas eles defendem-se argumentando que se não fora a rinha, a raça valente dos galos de briga não existiriam...

De nossa parte, não pretendemos tomar partido. Limitamo-nos a divulgar a poesia de Jaime Caetano Braum, intitulada "Galo de Rinha", para que nossos leitores julguem-na, conforme seus gostos pessoais. Na montagem fotográfica, uma rinha em Santa Rosa. Aparecem os galistas em torno do "ringue", atentos à luta que se desenvolve violenta no quadro mostrado com muita esporada e muito sangue.

GALO DE RINHA

Jaime Caetano Braum

Valente galo de briga,
- Guasca vestido de penas! -
Quando arrastas as chilenas
No tambor de um rinhadeiro,
No teu ímpeto guerreiro
Vejo um gaúcho avançando
Ensanguentado, peleando,
No calor do entrevero!

Pois assim como tu lutas
Frente à frente, peito nú,
Lutou também o xirú
Na conquista deste chão...
E como tú, - sem paixão,
Em silêncio - ferro a ferro
Caía sem dar um berro
De lança firme na mão!

Evoco nesse teu sangue
Que brota rubro e selvagem,
Respingando na serragem,
Do teu peito descoberto,
O Guasca no campo aberto
De poncho feito em frangalhos
Quando riscava os atalhos
Do nosso destino incerto!

Deus te deu, como ao gaúcho
Que jamais dobra o penacho,
Essa altivez de índio macho
Que ostentas já quando pinto;
E a diferença que sinto
É que o guasca - bem ou mal! -
Só luta por um ideal
E tu brigas por instinto!

Por isso é que numa rinha
Eu contigo sofro junto,
Ao te ver quase defunto
De arrasto, quebrado e cego,
Como quem diz - "Não me entrego";
Sou galo; morro e não grito
Cumprindo o fado maldito
Que desde a casca eu carrego!"

E ao te ver morrer peleando
No teu destino cruel,
Sem dar nem pedir quartel,
Rude gaúcho emplumado,
Meio triste, encabulado,
Mil vezes me perguntei -
Porque não me boliei
P'rá morrer no teu costado? -

Porque, na rinha da Vida
Já me bastava um empate!
Pois cheguei no arremate
Batido, sem bico e torto...
E só me resta o conforto
Como a tí, galo de rinha,
Que se alguém dobrar-me a espinha
Há de ser depois de morto!



JACTO PASSA O PENTE FINO NAS PRAGAS DA SOJA

O desempenho da BV-JACTO não tem competidor. Ela chega com aquela pulverização penetrante como uma garoa. É por causa da sua **TURBINA MICROJET** exclusiva, que divide as gotas em micro-partículas homogêneas. A cobertura é tão uniforme, que não há praga que resista.

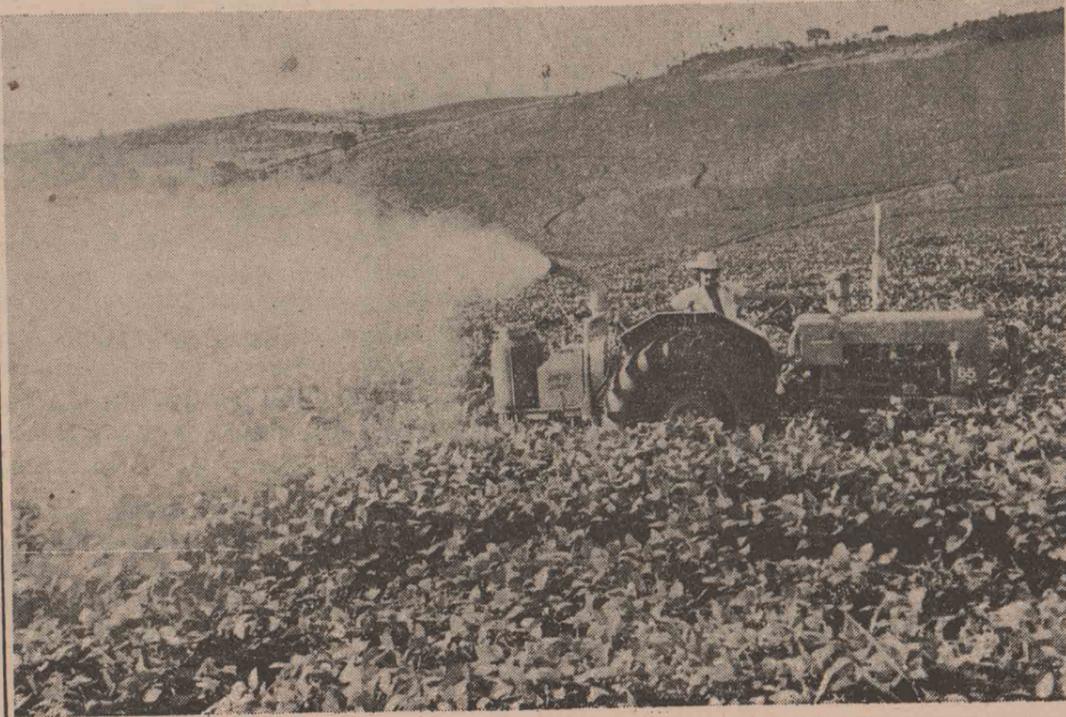
Para quem prefere o combate com LVC, a solução definitiva é a UBV-JACTO. Para cada velocidade do trator, uma vazão regulável e certinha. Tanto a BV como a UBV, permitem uma perfeita dosagem do inseticida, e a aplicação é feita pelo próprio tratorista, o que lhe dá uma outra economia.

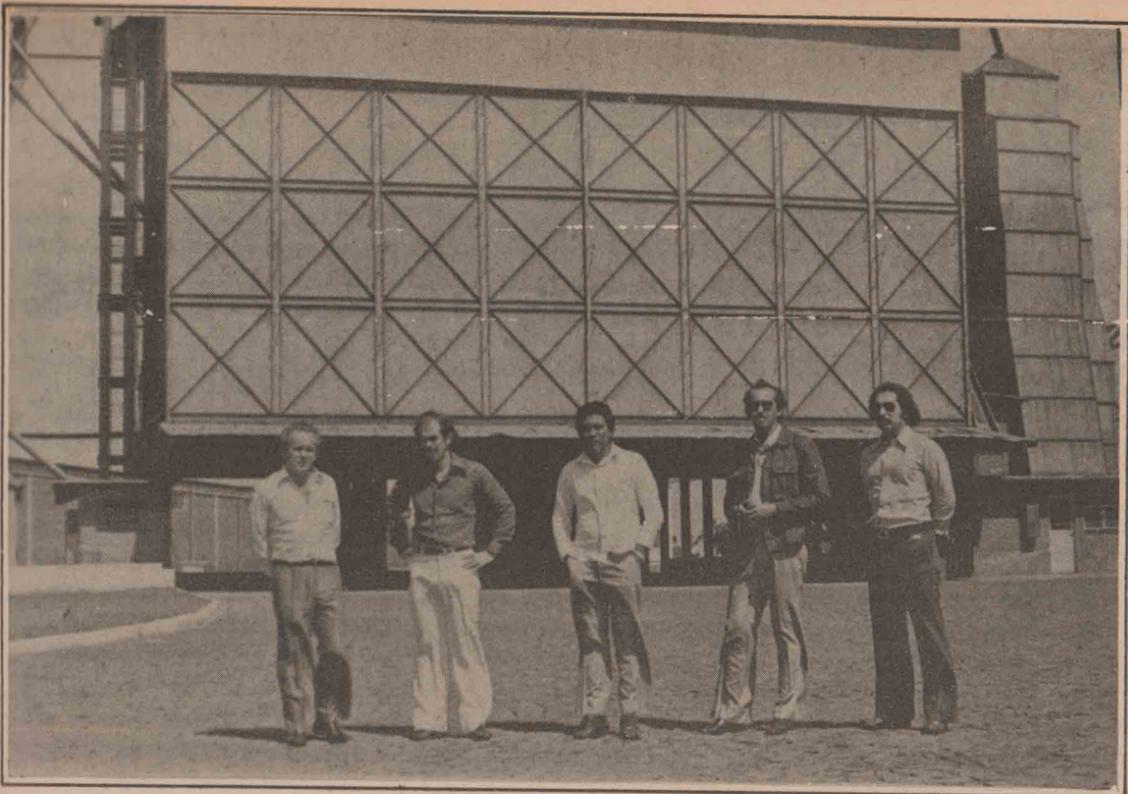
Confie em Jacto
27 anos de bons produtos no Brasil e no exterior



Jacto
MÁQUINAS AGRÍCOLAS

RUA DR. LUIS MIRANDA, 5 - TEL.: PBX 231 - CEP 17580 -
POMPEIA - ESTADO DE SÃO PAULO
RUA MOYSES KAHAN, 37 - TELS.: 67-7595 e 67-7326 -
SÃO PAULO - ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL





FUNCIONÁRIOS DO INCRA EM IJUI

O coordenador do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária no norte do País, engenheiro agrônomo Geraldo Cunha Carvalho, esteve em Ijuí nos primeiros dias de abril. O técnico, que é responsável pela Coordenadoria Regional do INCRA no norte veio observar a região da COTRIJUI, tendo em vista a futura localização de agricultores associados da cooperativa naquela região brasileira, após a criação da COTRIJUI-NORTE.

O técnico estava acompanhado do assessor especial da Presidência do INCRA, João Batista Braga e do secretário-executivo do Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo (PIDCOOP), Avenor Lopes de Aguiar. Na foto, tirada no parque de armazéns da cooperativa, os visitantes aparecem com o diretor presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva e diretor de operações, Euclides Casagrande.

AJURICABA JÁ ESTÁ RECEBENDO SOJA

O município de Ajuricaba (área de 422 Km² e população de 11.633 habitantes segundo o recenseamento de 1970), distante 30 quilômetros de Ijuí, já entrou no complexo de armazenagem da COTRIJUI. Seu armazém graneleiro, com capacidade para 30 mil toneladas estáticas recebeu a primeira carga de soja da safra, no dia 25 de abril.

O primeiro carregamento, num total de 150 sacas de soja, foi procedente da Granja Santa Helena.

O grande armazém de Ajuricaba, cuja capacidade operacional foi considerada eficiente pelo

sr. Euclides Casagrande, diretor de Operações da cooperativa, é do mesmo estilo dos demais armazéns em operação na área da COTRIJUI. Outra obra que está em fase de construção final, é o armazém de Augusto Pestana, também com capacidade para 30 mil toneladas estáticas de grãos.

Com a entrada em operação do armazém de Ajuricaba, a capacidade de recebimento da COTRIJUI, na área de produção, é de 276.800 toneladas estáticas, estando em vésperas de passar a somar o total de 306.800 toneladas.

REUNIÃO DE INSEMINADORES NA REGIÃO DA COTRIJUI

Realiza-se a 6 de maio, tendo por local e escola-fazenda do Instituto Municipal de Educação Rural "Assis Brasil", em Ijuí, uma reunião com a totalidade dos inseminadores que trabalham na área da COTRIJUI.

presentes técnicos da Secretaria da Agricultura e da COTRIJUI, serão tratados assuntos relacionados com a evolução desse serviço, que cresce de importância na nossa região. Poderão participar da reunião todos os interessados, independente de convites pessoais.

Na reunião, que estarão

A MORTE DA NATUREZA É O SUICÍDIO DO HOMEM

"O homem é o único animal que vem destruindo sistematicamente seu ambiente natural. No Brasil, há vários anos que ele tornou-se um inimigo perigoso da natureza; agora é necessário uma mudança de comportamento para enfrentar os problemas causados pelo desequilíbrio ecológico. É preciso uma conscientização para entender que o assassinato da natureza corresponde exatamente ao suicídio do homem". Estas afirmações foram feitas, pelo cineasta sueco Arne E. Sucksdorff, 58 anos e radicado no País desde 1965.

Arne visitou o Brasil pela primeira vez em 1963, a serviço da Unesco, sendo que dois anos depois ele retornou, "porque me agradaei muito do lugar", e foi morar no Mato Grosso na região do Pantanal. Formou-se cineasta pela Universidade de Estocolmo, em 1936 e sete anos mais tarde conquistou o Oscar, com o filme Ritmo de Uma Cidade cujo tema refere-se à sua cidade natal, Estocolmo.

Hoje, dedica-se exclusivamente ao estudo da natureza. "Essa luta em favor do que ainda existe no ambiente natural representa muito mais para mim do que escrever textos, fazer gravações ou montagens". Ele conta que a devastação na Amazônia começou em 1965 e se prolongou até 1968. Os caçadores de jacarés, para economizar munição, matavam os animais a pancadas e aproveitavam o couro vendendo como contrabando para países estrangeiros.

"O homem, não só brasileiro, precisa entender com urgência que a recuperação do equilíbrio ecológico vai custar bem mais caro, no futuro, do que o que hoje ele está ganhando através da destruição.

"Arne acha que a causa principal desses acontecimentos é a falta de uma fiscalização por parte

dos órgãos governamentais. "No Mato Grosso não existe fiscalização. diz ele, então qualquer coisa pode acontecer, porque o brasileiro é inimigo tradicional da mata, além disso tem uma atitude antiquada com relação aos problemas que isso pode causar".

Arne acha que a própria Transamazônica "apesar de ser uma necessidade muito importante para a integração daquela região com o resto do País", contribuiu de forma negativa com o ambiente natural.

Ele justifica que as estradas, hoje, não podem ser construídas somente com base em orientação de engenheiros: é preciso que um grupo de pessoas (engenheiros, sociólogo e ecólogos) acompanhe as obras, pesquisando, aconselhando e fornecendo relatórios.

Entretanto, o cineasta tem esperanças nas gerações futuras, "porque a atual está perdida". A salvação está na educação. Ele entende que desde pequeno o ser humano tem que aprender a conviver amigavelmente com os animais e compreender a função ecológica de cada um. Esse trabalho deve ser feito pelas escolas, universidades, meios de comunicação e pelos pais.

Apesar de tudo, Arne reconhece que no Brasil ainda há lugares onde o equilíbrio ecológico é bom, principalmente na Amazônia. "Existe muita esperança nessa região do Brasil, afirma ele; as pessoas que pensam na sua destruição total em dez ou 20 anos estão enganadas, principalmente agora que o Governo Federal, através do Ministério do Interior, está se preocupando com isso". Transcrito do Correio do Povo.

A Trevo está abrindo os corredores de exportação

Já em 1974 estará operando o complexo industrial de fertilizantes junto ao Superporto de Rio Grande.

Com uma produção inicial prevista de 450 mil toneladas anuais de adubos granulados, a nova fábrica vai ajudar os agricultores gaúchos a produzirem safras ainda maiores.

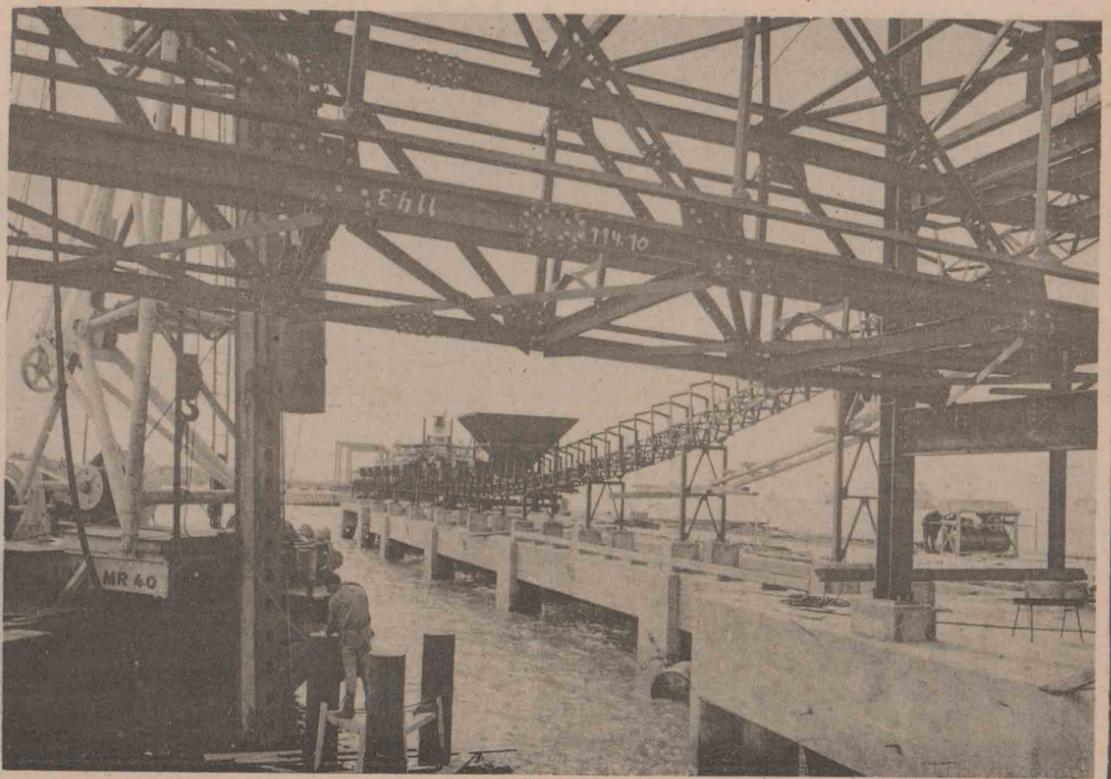
Os mesmos cargueiros e vagões ferroviários, que chegarem ao Superporto com os produtos agrícolas de exporta-

ção, levarão de volta aos centros de produção os fertilizantes que a terra precisa.

Com isso se atingirá um dos objetivos do Governo ao criar os corredores de exportação: racionalizar a produção agrícola.

ADUBOS TREVO

INDÚSTRIAS LUCHSINGER MADÖRIN S.A.



CRIAÇÃO OU ENGORDE

Eng^o Agr^o. Renato Borges de Medeiros

É plenamente sabido que os fatores mais importantes da problemática agropastoril ainda não foram bem dimensionados. São os fatores de natureza tecnológica, econômica e de mercado, que limitam o desenvolvimento econômico-social de nossa pecuária. Os pecuaristas do estado, dentro deste contexto, parece que estão a buscar novos caminhos para aumentar a produção e a produtividade. E como temos uma natureza pródiga e um bom nível de inteligência, com a soma do trabalho técnico, a situação da agropecuária começa a tomar uma nova forma.

Em quase todos os números deste jornal temos ocupado um espaço para discutir sobre o engorde de terneiros. Argumentamos que isto é uma boa combinação para a agricultura aqui existente. Propagamos a idéia de que com o engorde de terneiros e novilhos estaremos caminhando de passo firme para o aproveitamento racional do potencial ainda existente na região. Apesar de não termos discutido e fomentado a criação de bovinos, iniciamos no ano passado em algumas propriedades de associados um programa experimental de inseminação artificial a nível de propriedade. Preliminarmente já podemos informar que o trabalho foi muito bom, pois numa das propriedades já constatamos uma cobertura de 90 por cento.

Sabe-se por estudos realizados pelo Instituto Riograndense de Carnes que o engorde tem sido

uma atividade mais rendosa do que a criação. Estes estudos econômicos foram realizados em várias regiões do Estado e os resultados foram semelhantes. Repetiu-se em todos os casos uma vantagem em favor do engorde. A razão principal deste fato é de que nas zonas de engorde ocorre, concomitantemente, a cultura do arroz.

As feiras de terneiros vieram trazer algumas modificações na economia pecuária. Os preços que vêm sendo oferecidos pelos terneiros nos remates estimularam os criadores, que até então, pareciam desanimados. As pessoas que decidem os destinos da nossa pecuária estão confiantes nos bons resultados das feiras. Anteriormente, a comercialização de terneiros encontrava-se retraída, porquanto não existia um mercado organizado e os criadores preferiam engordar os terneiros do que vendê-los.

Embora admitindo que os criadores da fronteira foram reanimados e, por isso, estão dispostos a vender os seus terneiros, parece justo alertar os criadores de nossa região no sentido de que continuem se preocupando com a produção de terneiros. É natural que só existirão novilhos se existirem terneiros, e estes ainda só estarão disponíveis no mercado se existirem vacas aptas a produzir e reproduzirem. E ainda mais com um grupo de animais constante na granja, o granjeiro aproveitará melhor as áreas disponíveis para a pecuária, bem co-

mo os resíduos das lavouras.

Parece até um contra-senso falar em criação, uma vez que em outras oportunidades só falamos em engorde; mas este problema deve ser discutido em tempo, para não correremos o risco de estarmos comprometendo o futuro de nossa pecuária. Não devemos incorrer no erro de outros países que sofreram sérias crises no desenvolvimento da pecuária, porquanto em muitas oportunidades os terminadores ficaram com áreas comprometidas por não existirem terneiros ou novilhos no mercado. Por isso é recomendável, principalmente para a grande propriedade, a manutenção de um plantel de vacas de cria e que agora poderá contar com a assistência do Dpto. Técnico nos trabalhos de inseminação. Ainda mais, não há dúvidas de que é mais interessante sobrar do que faltar terneiros para ocuparem as pastagens, pois é mais fácil aumentar as áreas de pastagens para aproveitar o excesso de terneiros do que aumentar o número de vacas para obter mais terneiros.

É importante que todos os criadores de nossa região pensem neste fato e procurem, quando possível, manter um pequeno plantel de vacas de cria para que se estabeleça um equilíbrio entre a oferta e a procura de terneiros. E não deve ser esquecido que só existirão terneiros e novilhos se existirem vacas aptas a produzir e reproduzirem.

REPASSE DE TERNEIROS

Há dois anos a COTRIJUI estabeleceu suas metas para acelerar o processo de integração da agricultura com a pecuária. Uma das alternativas recomendadas para alcançar este objetivo foi o engorde de terneiros. Assim, visando dar apoio e estímulo, no dia 26 de maio do ano passado foi adquirido um lote de terneiros e

posteriormente repassado a um grupo de associados. Esta programação vem recebendo a orientação e o assessoramento do Departamento Técnico e as primeiras informações deste trabalho podem ser observadas na tabela a seguir, onde aparecem os resultados parciais obtidos por dois associados.

Lote No	Número de Animais	Peso Médio Inicial em 25/05/74 Kg	Peso Médio em 26/03/75 Kg	Ganho Médio nos 300 dias Kg	Ganho Médio 9/ dia
2	5	160	335	175	583
3	6	160	344	184	603

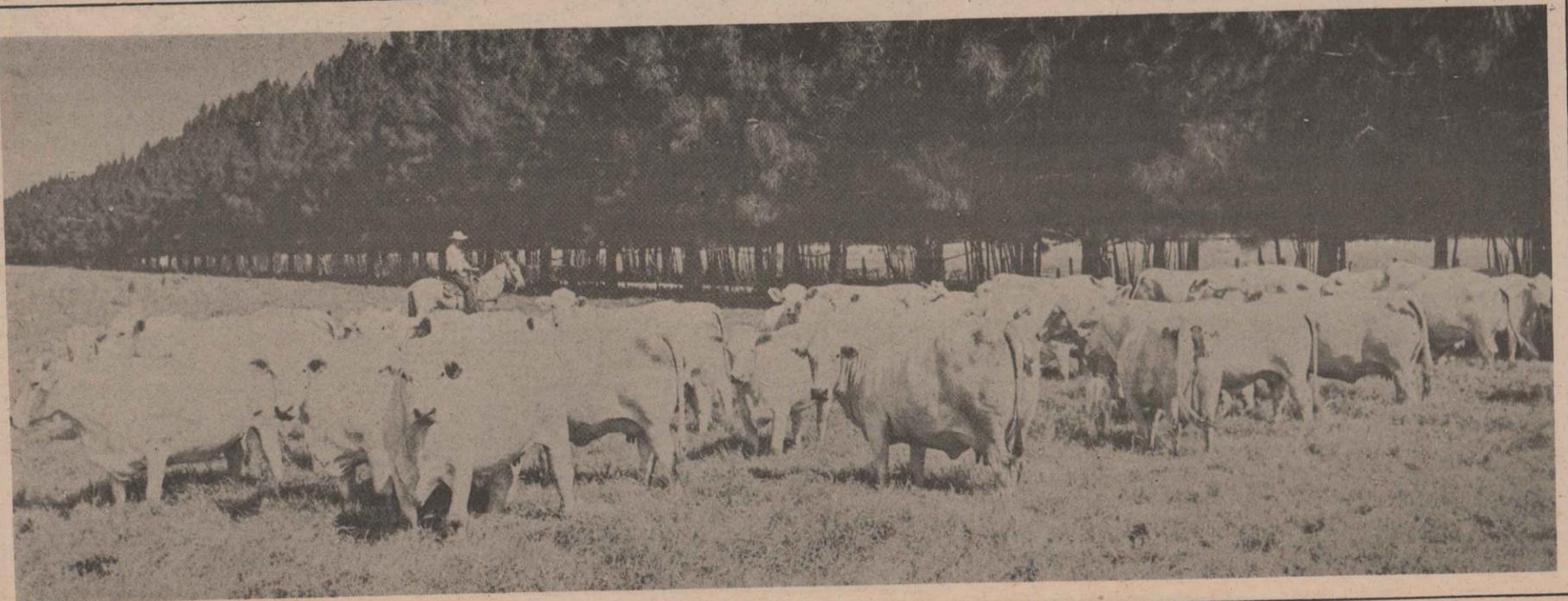
Analisando os resultados mostrados nesta tabela pode-se verificar que, até a última pesagem, o desempenho dos animais foi muito bom. Até o momento se conseguiu uma lotação média de 4 terneiros por hectare. Estava previsto um período de 2 anos para levar os animais a um peso superior a 400 kg, quando então seriam abatidos. No entanto, como eles apresentaram uma velocidade de engorde superior ao previsto, espera-se que a partir de agosto eles já possam ser levados ao frigorífico.

As propriedades que vêm se adequando a um trabalho conjugado de lavoura e pecuária já evidenciam uma intensa dinamização de todos os fatores responsáveis pelo melhor rendimento por unidade de área. Este resultado positivo é decorrência natural do modelo de engorde preconizado pela cooperativa, onde se busca um aproveitamento racional das áreas com baixa produtivi-

dade, bem como das áreas que não vêm sendo utilizadas. Além disso, se preconiza também o aproveitamento dos restos das lavouras.

O interesse que os produtores vêm demonstrando pelas feiras em que se beneficiam os criadores da fronteira e os invernadores da nossa região é a prova mais evidente do êxito do programa integrado em que se procura a maior e a melhor produção por hectare-ano e por animal.

Procurando manter-se vinculada aos objetivos das feiras e tomando por base os bons resultados já obtidos com o engorde em nossa região, a COTRIJUI, através de seu Departamento Técnico, vai dar continuidade ao seu programa de desenvolvimento animal. Para isto, neste ano, ela vai adquirir mais terneiros na feira de Carazinho com a finalidade de repassar a outro grupo de associados.



SINDICATOS DA REGIÃO APLAUDIRAM COTRIJUI

A totalidade dos sindicatos de trabalhadores rurais da área da COTRIJUI, em documento lido no plenário da assembleia geral da cooperativa, que se realizou no último dia 21, assinaram documento em que expressam apoio e aplauso à direção da entidade, "pela maneira como vem conduzindo sua atuação em benefício dos agricultores".

O documento é assinado pelos srs. Orgênio Rott, Bruno van der Sand, Braulio Martins da Rocha, Alfredo Reinaldo Schultz, Edmundo Stadler, Jovêncio José Pedroso, Alfredo Blass, Alberto Veigert, Aldomiro Antonio da Silva, João Telló, e Canísio José Welter, presidentes, respectivamente, dos sindicatos de trabalhadores rurais de Ijuí, Augusto Pestana, Coronel Bicaco, Redentora, Santo Augusto, Vila Jóia (Tupanciretã), Chiapetta, Ajuericaba, Miraguai, Tenente Portelo e São Martinho.

É a seguinte a íntegra do documento assinado pelo presidente de sindicatos da região, cuja leitura no plenário da assembleia da COTRIJUI, foi feita pelo associado Reinoldo Luiz Kommers e membro do conselho de administração da cooperativa:

"Manifestação de Apoio e Aplauso à Direção da COTRIJUI"

Os sindicatos dos trabalhadores rurais dos municípios da área de ação da Cooperativa Regional Triticola Serrana Limitada, por seus respectivos presidentes abaixo assinados, servem-se da oportunidade desta assembleia geral para manifestar seu apoio e expressar seu aplauso à direção da COTRIJUI pela maneira como vem conduzindo sua atuação em benefício dos agricultores.

Destacam-se especificamente:

1 - A crescente aproximação a estreita colaboração da COTRIJUI com os sindicatos de trabalhadores rurais, organizações distintas e como tal respeitadas, mas com objetivos coincidentes e complementares - a promoção humana, social e econômica do agricultor

e cuja conjugação de esforços é fator importante para a realização de um trabalho cada vez mais fecundo e o fortalecimento do cooperativismo;

2 - A sensibilidade e abertura da direção da COTRIJUI para com os problemas e condicionamentos de todas as parcelas de associados - grandes, médios e pequenos -, integrando-os num corpo único e desenvolvendo a imaginação criadora no sentido de produzir e por em funcionamento, instrumentos, mecanismos e formas de atuação que possibilitam respostas adequadas aos diferentes problemas e situações conjunturais, muitas vezes difíceis e desafiadoras da capacidade de ver com clareza e dimensionar os problemas, dada a grande complexidade das relações no mundo moderno;

3 - A visão administrativa da direção da COTRIJUI e seu alto senso de responsabilidade e patriotismo, lançando a nossa cooperativa em empreendimentos arrojados e pioneiros e abrindo novos caminhos para a superação de problemas fundamentais que atingem os associados e o País, baseada sempre em estudos científicos sérios que dão segurança de sucesso, e o que faz aumentar mais a confiança do quadro social;

4 - A atenção que vem sendo dada à educação e elevação cultural e técnica do agricultor - caso praticamente único no Brasil e uma das razões da saúde e vigor da nossa cooperativa - trabalho que vem sendo reconhecido como fundamental em todas as esferas e começa a despertar a iniciativa de outras organizações como exemplo a ser seguido.

Ao fazerem a seguinte manifestação de apoio e aplauso os sindicatos rurais esperam e tem certeza que a orientação imprimida à COTRIJUI continue e seja sempre mais fortalecida: amplie-se a aprofunde-se o relacionamento e a cooperação com os sindicatos rurais e outras organizações ligadas ao homem que trabalha a terra;

mantenha-se sempre fecunda a imaginação criadora, a visão e seriedade administrativa, a largueza de horizontes, o realismo corajoso e o dinamismo empreendedor; não se descuide em momento algum o trabalho de educação e elevação cultural e técnica do produtor rural, que deve ter condições de acompanhar conscientemente o crescimento da nossa cooperativa, discutir os seus caminhos e apoiar as iniciativas válidas, pois a força e pujança do associativismo, em qualquer das formas em que se expressa, reside basicamente no grau de consciência e de participação de todos e de cada um dos membros do corpo social.
Ijuí, 22 de abril de 1975.

SINDICATOS RURAIS DA REGIÃO RENOVARAM COM O FUNRURAL

Nos últimos dois meses, muitos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais do Rio Grande do Sul renovaram convênios de prestação de serviços de Assistência Médico-Hospitalar, com o Funrural.

Na área de ação da Cotrijui, todos os convênios já foram assinados e com um aumento de quase quatrocentos por cento de aumento sobre o total do convênio anterior.

Algumas inovações foram introduzidas; período de 90 dias para experiência e adaptação e tabela para cálculo do auxílio a que cada agricultor terá direito em função de sua renda bruta, que varia de um mínimo de Cr\$ 9.796,00.

Os remédios serão todos pagos pelo Funrural, em qualquer caso.

Os sindicatos da área da Cotrijui, firmaram convênios nos seguintes valores: Ijuí, incluindo Cel. Barros, Cr\$ 112.000,00; Ajuericaba Cr\$ 43.000,00; Augusto Pestana Cr\$ 34.000,00; Chiapetta Cr\$ 18.000,00; Coronel Bicaco Cr\$ 30.000,00; Redentora Cr\$ 40.000,00; Tenente Portela, incluindo Vista Gaúcha, Cr\$ 115.000,00; Vila Jóia Cr\$ 24.000,00; São Martinho Cr\$ 37.000,00. Perfazendo um total mensal de Cr\$ 535.000,00, sendo Cr\$ 457.000,00 hospitalar, Cr\$ 70.000,00 Odontológico e Cr\$ 8.000,00 ambulatorial.

a melhor receita para multiplicar a produtividade da sua lavoura.



adubos pampa sa

O VERDE DA TERRA

Rua Gravataí, 145 - Caixa Postal, 142 End. Telegráfico "ADUSPAMPA"
Fones: 72-1067 - 72-1383 - 72-1571 - Canoas - RS

ADUBOS - INSETICIDA - CALCÁRIO

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas
Caçula Ltda. - R. 15 de Novembro, 448
IJUÍ - R. GRANDE DO SUL

TÉCNICO DA COTRIJUI VIU CALCÁREO NOS EUA

O diretor do Departamento Técnico da COTRIJUI, eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, esteve nos Estados Unidos em visita organizada pela Faculdade de Agronomia de Porto Alegre e programada pela Universidade de Wisconsin, no período de 12 a 24 de abril último. O técnico da COTRIJUI viajou acompanhado dos professores José G. Stammel e Marino Tedesco, ambos da faculdade de agronomia da UFRGS, tendo se incorporado aos técnicos brasileiros já nos Estados Unidos, o presidente da Cooperativa de São Francisco de Paula, eng. agr. Luiz Mário Pimenta.

Em declarações prestadas ao COTRIJORNAL, o eng. Nedy Rodrigues Borges, que em nossa próxima edição estará assinando artigo técnico onde abordará o que lhe foi dado observar, disse à reportagem que sua viagem à América do Norte na companhia dos professores da UFRGS, teve o objetivo de ver

como se processa a retirada, moagem e transporte de calcáreo até o consumidor final, que é o agricultor.

Os estados visitados foram os de Wisconsin e Illinois, na região dos Grandes Lagos, onde está concentrada a maior parte das reservas de calcáreo do país. Os visitantes tiveram oportunidade de visitar em Sussex, pequena cidade do interior de Wisconsin, a Vulcan Materials, uma das maiores, talvez a maior usina moedora de calcáreo do mundo.

Nedy Rodrigues Borges ficou muito impressionado com as facilidades proporcionadas aos agricultores pelas próprias indústrias de calcáreo. Elas oferecem quatro tipos de calcáreo, com PRNT em ordem crescente de qualidade. Mas não se limitam a oferecer o produto de qualidade variável. As indústrias dão informações precisas em estatísticas atualizadas, aconselhando o uso de determinado

tipo em função da economia do produtor.

Os preços do calcáreo são baixíssimos, disse o técnico. Basta dizer que os tipos que tem PRNT de 70-79 e 60-69, que se equivalem aos que são vendidos no Brasil, custam na usina, 2,20 e 1,70 dólares por toneladas, respectivamente, ao passo que no Brasil a mesma quantidade anda em torno de Cr\$ 80,00 a tonelada, posto na usina. Mas além de ser barato, o calcáreo é distribuído pelo produtor através de postos de venda, em toda a área agrícola. Num raio que nunca excede 30 quilômetros, o agricultor americano sabe que encontra o posto mais próximo de calcáreo, na qualidade exigida pela sua terra.

Em nossa próxima edição, conforme já citamos, o diretor técnico da COTRIJUI publicará artigo sobre produção e distribuição de calcáreo nos Estados Unidos.



DAER VAI ARBORIZAR RS-10 NO TRECHO IJUI-CRUZ ALTA

Grças a um movimento promovido pelo Lions Clube de Ijuí, o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem DAER —vai arborizar as laterais da RS-10, no trecho compreendido entre as cidades de Ijuí e Cruz Alta. O serviço será desenvolvido pelo Setor de Paisagem do DAER. Estiveram em visita a Ijuí, com a finalidade de

entrevistar-se com a direção do Lions Clube, a engenheira civil Edelweiss Fernandez Alves e engenheira agrônoma Lia Paganella, responsáveis pelo referido setor do DAER. Na foto, quando na companhia do sr. Waldemiro Noll e sra. Herta Noll, ele presidente do Lions local, as especialistas do DAER faziam visita de cortesia à COTRIJUI.

MAMITE: GRAVE DOENÇA BOVINA

Médico Vet. Paulo Fernando C. Garcez. Depto. Técnico — Santo Augusto

A Mamite, por sua frequência e importância, ocupa lugar destacado entre todas as doenças que atacam os animais. Em animais leiteiros, não são raros aqueles que são condenados ao sacrifício, pois esta enfermidade consegue influenciar grandemente na produção e, quando não combatida a tempo, torna-se um processo de difícil tratamento.

Esta doença é bastante conhecida e há trabalhos que a descrevem desde os meados do século XVIII. Como causadores (agentes etiológicos) desta enfermidade destacam-se os microrganismos denominados Streptococos e os Staphilococos, sendo que ainda possui importância o C. Piógenes por causar grandes prejuízos. O Micobacterium bovis e a Brucela Abortus produzem mamites específicas acompanhado a Tuberculose e a Brucelose, onde estas doenças não foram eliminadas. Existem ainda outros microrganismos que também podem causar mamites, mas que desempenham papel secundário em relação aos citados anteriormente.

A seguir vamos citar certas causas que predispoem o aparecimento desta doença e para as quais chamamos a atenção, pois se conseguirmos evitá-las estaremos diminuindo o seu aparecimento.

a) — Traumatismos externos e internos: entre os traumatismos externos situam-se as camadas duras, pastos muito ásperos, pancadas ou batidas e até a própria mão do ordenhador. Entre os traumatismos internos situam-se manobras inadequadas na glândula mamária, as quais provocam lesões internas, sendo que este caso apresenta grande gravidade, pois geralmente não é percebido pelo pessoal que lida com os animais.

b) — Prática da ordenha: a ordenha deverá ser da maneira mais prática possível, sendo

que os animais mal ordenhados estão mais sujeitos a contrair a doença.

c) — Alimentação: alimentos pobres em proteínas além diminuir a sanidade do animal e a produção leiteira, aumentam o aparecimento da mamite.

d) — Hereditariedade: é um fator importante, pois certos defeitos do úbere são hereditários e funcionam como adjuvantes à instalação da enfermidade.

e) — Idade: animais de idade mais avançada estão mais sujeitos a doença. Além disso podemos citar que a ordenha feita com as mãos úmidas e sujas, copos de ordenhadeira mecânica, moscas que contenham germes, lesões nos tetos e feridas no aparelho mamário, fatalmente são causadores de mamites.

Para que nossos associados possam entender melhor, discorreremos a seguir sobre alguns sintomas que comumente aparecem no transcurso da enfermidade. Como sinal de alarme devemos atentar para a diminuição do leite, sendo que o mesmo é muitas vezes aproveitado, apresentado como característica o sabor salgado. Na sequência da enfermidade o leite torna-se amarelado, contendo grande quantidade de pus e frequentemente sangue. Também é muito comum o "entupimento" do canal da teta pelo material resultante da inflamação. O úbere incha, torna-se vermelho e dolorido, sendo que frequentemente o criador menos avisado atribui o enxume a "mordida de cobra". Se apalparmos o úbere no local da inflamação, notaremos uma porção totalmente endurecida. O úbere pode ser atingido em um, dois, três ou até nos quatro quartos de sua estrutura. A diminuição da produção está diretamente relacionada com a extensão das estruturas atingidas. Se não houver um tratamento adequado, have-

rá uma atrofia no órgão, aparecendo o comumente chamado "teto seco".

Como prevenção da doença, além de evitarmos aquelas causas que predispoem, existem outros testes que seguramente evitam a enfermidade.

O mais comum e viável para todos aqueles que não exploram economicamente o gado leiteiro, sendo que estes são a maioria na nossa região, seria usar uma caneca de fundo escuro (preto) para contrastar com o leite. Desprezamos os primeiros jatos e aproveitamos os três ou quatro seguintes; com esta pequena quantidade no fundo preto do caneco poderemos analisar o leite. Se aparecerem "grumos" no leite, estes estarão diagnosticando a enfermidade.

Para quem se dedica a exploração econômica, existem outros testes mais sofisticados e mais seguros como o Teste de Hotis, Dosagem de Cloretos, California Mastites Test e outros.

Para o tratamento medicamentoso, existe uma gama de antibióticos que são usados através do úbere e também por vias, como intramuscular, subcutânea ou endovenosa. Para o uso de antibióticos aconselhamos consultar o Médico Veterinário de sua confiança; ele indicará o produto mais adequado para o tratamento.

Esperamos que através destas explicações os nossos associados e criadores tenham tomado consciência da gravidade desta doença, tenham entendido o seu mecanismo e as formas mais comuns de combatê-la. Assim estaremos todos contribuindo para o melhoramento sanitário do nosso rebanho e melhoramento da qualidade do leite a ser consumido por nós mesmos e pela população em geral.

LEI DISCIPLINA A ASSISTÊNCIA PARA VELHO BRASILEIRO

No fim do ano, o presidente da República sancionou a lei nº 6.179, de 11 de dezembro, que institui amparo previdenciário para maiores de setenta anos e para inválidos. Acima desse limite de idade, para todos aqueles que ainda não tenham nenhum tipo de aposentadoria e assistência e que tenham uma renda mensal inferior a meio salário mínimo. Excetua-se, neste caso, as esposas que estejam le-

galmente amparadas pelo marido

A lei abrange tanto a dependentes do INPS, quanto aos do FUNRURAL. Neste caso, o trabalhador rural terá que provar que tenha "exercido atividade remunerada atualmente incluída no regime do INPS ou do FUNRURAL, mesmo sem filiação à Previdência Social, no mínimo por 5 (cinco) anos, consecutivos ou não".

FONOGRAMA DE ROMA APLAUDE A CRIAÇÃO DA COTRIEXPORT

Fonograma taxado de Roma, com data de 14 de abril, assinado por V. Soligo, diretor da Import-Export Brasil Europa, cumprimenta a direção da COTRIJUI por sua entrada no comércio mundial de cereais.

É do seguinte teor o fonograma recebido pelo presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva:

"COTRIEXPORT S.A. — Ruben Ilgenfritz da Silva, rua dos Andradas, 1560 — Galeria Malcon — Porto Alegre, Brasil. Prezados senhores: Ao tomar conhecimento, através do COTRIJORNAL, edição de abril do corrente, da fundação da COTRIEXPORT, aproveito para enviar a Vv. Ss. e a equipe que a integra, os mais altos votos de prosperidade e progresso. Atenciosamente. V. Soligo, Import. Export Brasil Europa. Via Valle Scrvia, 2 — 00141 ROMA.



COTRIJORNAL

Maio de 1975

CADERNO DE BALANÇO

EXERCÍCIO 1974/75

Prezados associados.

Ao concluirmos mais um ano de honroso mandato, vimos a presença desta digníssima Assembléia para relatar as nossas atividades correspondentes ao exercício social iniciado em 19 de março de 1974 e encerrado em 28 de fevereiro de 1975.

O comportamento havido no comércio da soja em 1973 fez com que fossem tomadas medidas até então inéditas dentro do sistema cooperativista, com a criação de um sistema de comercialização capaz de resguardar os interesses econômicos de nossos associados e que possibilitou ao Conselho de Administração uma maior segurança na espinhosa missão de gerir com a produção de nossos cooperativados. A sistemática criada, permitindo ao produtor a livre escolha, operando sua safra na modalidade - preço médio ou depósito - faz com que cada vez mais os nossos associados procurem tomar conhecimento das perspectivas de mercado, passando assim a ter presença direta no processo de comercialização e ampliando de forma decisiva a força do próprio movimento cooperativista, que se ampara na participação consciente dos seus membros. Além das opções postas à disposição dos nossos prezados associados e dos resultados positivos alcançados no balanço que estamos apresentando à essa egrégia Assembléia, podemos afirmar que as medidas adotadas em nossa cooperativa foram de tão largo alcance que, a partir da presente safra de soja, todas as demais co-irmãs desta região e cooperativas de outros estados estão adotando integralmente a sistemática de comercialização criada para o nosso corpo social.

O resultado altamente positivo apresentado neste balanço é o fruto da confiança gerada no seio do nosso quadro social e a sua imbatível coesão. A tranquilidade e o espírito de cooperativista de que estão possuídos todos os integrantes do nosso corpo social foram as bases nas quais se alicerçaram todos os grandes empreendimentos e o pujante desenvolvimento da COTRIJUÍ nos últimos anos.

O exercício recém encerrado foi, mais uma vez, marcado por uma série de fatos, estudos e obras que aumentam e solidificam cada vez mais alto o conceito que desfrutamos não só em nosso Estado, mas também no movimento cooperativista nacional.

A conclusão dos armazéns do Terminal Marítimo de Rio Grande, agora com capacidade estática para 120.000 toneladas de cereais e com equipamentos em con-

dições de dar maior tranquilidade aos exportadores de soja do Estado, mormente os produtores associados, é uma prova incontestada da visão e da vontade de progredir de nossos associados. O volume físico, em constante crescimento, movimentado pelo Terminal da COTRIJUÍ, não deixa margem para qualquer dúvida sobre o êxito da pioneira iniciativa, senão vejamos: no ano de 1973 foram movimentadas, entre soja, trigo e farelo 775.987,56 toneladas, tendo em 1974, exercício que estamos apresentando, sido movimentadas 1.577.335,74 toneladas, o que representa um aumento da ordem de 103,3%.

No que concerne a infra-estrutura em nossa área de ação, devemos destacar as obras em andamento dos armazéns de Ajuricaba e Augusto Pestana, cada um com capacidade para armazenar trinta mil toneladas de cereais, cujas conclusões estão previstas para 30 de abril e 15 de maio do corrente ano, respectivamente.

Existe ainda a perspectiva de construção de novas unidades armazenadoras na região do Alto Uruguai, para dar atendimento ao crescente volume de produtos em tregue. Somadas as capacidades dos armazéns em funcionamento com aqueles em construção e mais as unidades projetadas, atingiremos uma capacidade de armazenagem total de 555.800 toneladas.

Outra obra de vital importância para o pleno desenvolvimento dos trabalhos da cooperativa e um sempre melhor atendimento ao nosso estimado quadro social, é a construção da nova sede administrativa e seção de consumo, obra esta em realização acelerada junto aos nossos armazéns de Ijuí e cuja conclusão está prevista para 30 de julho do corrente ano. Simples e funcional, o novo prédio permitirá um atendimento mais condizente com o desenvolvimento da nossa cooperativa, proporcionando maior conforto e melhor atendimento ao nosso crescente quadro social e melhores condições de trabalho a nossos dedicados funcionários.

Ainda em matéria de infra-estrutura, foram adquiridas 10 (dez) jamantas SCÂNIA-VABIS, com as quais montou-se um Departamento de Transportes. Visa precipuamente este Departamento, o escoamento da produção em sistema rodo-ferroviário, ou seja, interligando os armazéns não servidos com rede ferroviária com os de Ijuí, de onde são despachados por via férrea. De outra parte, os veículos são utilizados para o transporte de adubos e calcário, para que tais produtos estejam à disposição dos associados nas épocas certas.

Face a sua capacidade extrativa já superada e a necessidade constante de reformas, a fábrica de óleo montada em Ijuí não mais atende as necessidades de industrialização. Por outro lado, visando uma maior garantia de colocação para o produto e, principalmente objetivando captar os incentivos proporcionados pelo Governo Federal para a exportação de produtos manufaturados, o Conselho de Administração aprovou a construção de uma nova fábrica de óleo, que será construída no distrito industrial de Rio Grande, com ligação direta com o nosso Terminal. Com uma capacidade inicial para industrializar 1.000 toneladas de soja por dia, alcançando 5 milhões de sacos por ano, esta nova fábrica estará voltada principalmente para a exportação de óleo e farelo de soja, aproveitando todas as facilidades e estímulos dados pelo Governo, respeitadas as taxas de retenção para o mercado interno.

Pela relevância do significado, não podemos deixar de destacar um fato que comprova o elevado conceito da COTRIJUÍ junto ao Governo Federal. Trata-se do convite formulado pelo INCRA para que a nossa cooperativa participe de um projeto de colonização da Amazônia legal. Se de um lado o Governo sentiu a necessidade de chamar a iniciativa privada para atender aos altos interesses da nação, por outro lado a COTRIJUÍ vislumbrou no projeto a perspectiva de uma melhor distribuição das terras entre os minifundiários de sua área de ação. Somados estes objetivos e tendo em vista ser a nossa cooperativa a primeira entidade privada a ser conclamada para projeto de tão relevante alcance, não poderia o Conselho de Administração recusar-se a tão honroso convite. Após os primeiros contatos, decidiu-se entregar à uma firma especializada os estudos de pré-viabilidade do projeto, visando ter uma idéia global das possibilidades produtivas, vias de escoamento da produção e outros requisitos das áreas oferecidas. Os estudos em sua primeira etapa já estão concluídos, inclusive com as solicitações do que caberá ao Governo realizar em matéria de infra-estrutura. Pretende-se levar para o polígono de Altamira, após a implantação das necessárias obras infra-estruturais, cerca de duas mil famílias da nossa zona de influência, com a transferência de 200 famílias anualmente, ficando as terras pertencentes a estas para serem redistribuídas entre os pequenos proprietários residentes na área.

Outra iniciativa tomada no decorrer deste exercício, altamente válida e que se volta para o futuro, foi a aquisição do Hospital Santa Terezinha de Santo Augusto. Uma das grandes preocupações da atual Direção da

cooperativa é a prestação de uma Assistência Social integral aos seus associados, dependentes e empregados, razão pela qual o Hospital de Santo Augusto servirá como fornecedor de valiosos subsídios e experiência para a futura criação de tais serviços de assistência.

Outro destaque para o ano de 1974/75, foi a deliberação do Conselho de Administração no sentido de a COTRIJUÍ formar uma sociedade com uma firma especializada em comercialização de produtos, principalmente exportação de cereais, sanando com esta medida uma lacuna existente em nossa organização. Com longa prática no ramo e com uma estrutura montada para atender a todas as suas necessidades, a firma escolhida para associar-se à COTRIJUÍ foi submetida a uma Auditoria, ficando comprovada a sua capacidade e rentabilidade para o objetivo visado. Criou-se desta forma a COTRIEXPORT S.A. - Exportação e Importação, com sede à rua dos Andradas, 1.566 Galeria Malcon 17º andar, firma esta que será a pesquisadora e conselheira nos negócios internacionais de soja. Com esta associação, a cooperativa passou a fazer parte também de uma corretora de câmbio e de uma corretora de seguros, completando assim uma parte vital do sistema de comercialização internacional, considerando principalmente as novas perspectivas criadas com o Projeto da Amazônia.

Por outro lado, a cooperativa necessitava obter uma maior racionalização dos trabalhos internos e aproveitamento adequado do seu quadro funcional. Para tanto e com a assessoria dos nossos Auditores está sendo elaborado um plano de Classificação de Cargos e Reestruturação de Funções, com o que não só se terá um melhor aproveitamento da mão de obra disponível, como também uma melhor retribuição pecuniária por parte da cooperativa.

Ainda no exercício em estudo devemos destacar a entrada efetiva em funcionamento da Aéro Agrícola Cotrijuí Ltda. empresa destinada a colaborar com os nossos associados no combate as pragas que comumente infestam as lavouras. Para comprovar o acerto da medida, podemos citar que os serviços de pulverização aérea são responsáveis por grande parte da produtividade da atual safra de soja, pois, foram pulverizados e dizimadas as pragas de 25.628,9 hectares de lavouras em nossa área de ação.

Feita esta síntese das atividades que consideramos mais relevantes no exercício 74/75, faremos agora uma incursão breve ao mundo dos números, traçando um paralelo entre os dados do balanço em foco e os do balanço de 73/74

DEPARTAMENTO TÉCNICO:

Eis a síntese das atividades deste Departamento:

Produção de sementes de: trigo 212.819 sacos
soja 187.672 sacos
feijão preto 57 sacos
forrageiras 4.042 sacos

Vistorias em lavouras com incidência de granizo: 638, somando uma área de 15.949 ha.

O laboratório de análises de sementes realizou um total de 8.558 análises de diversos cereais.

No campo das inseminações artificiais, foram realizadas neste exercício um total de 3.559 inseminações.

A Assistência Veterinária efetuou 284 visitas a propriedades de associados e 522 consultas na sede.

Foram elaborados pelo Departamento, em convênio com o Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A. 466 projetos técnicos para investimentos, correção de solo e custeios. Em convênio com o Banco Nacional de Crédito Cooperativo S.A., foram elaborados 51 projetos técnicos.

SOBRAS DO EXERCÍCIO:

Das sobras líquidas do exercício, que totalizam Cr\$ 11.712.262,05 (onze milhões, setecentos e doze mil, duzentos e sessenta e dois cruzeiros e cinco centavos), propomos a essa Digna Assembléia a seguinte distribuição:

a) Cr\$ 8.423.312,00 (oito milhões, quatrocentos e vinte e três mil, trezentos e doze cruzeiros), que corresponde as sobras líquidas, após deduzidos os Fundos Estatutários (10% Fundo de Reserva; 10% Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social e 30% para o Fundo de Desenvolvimento), apuradas com a comercialização da soja indústria e soja semente, sejam distribuídas proporcionalmente ao volume de soja entregue à cooperativa para comercialização na safra de 1974, por cada associado, em qualquer das modalidades, seja a preço médio ou preço do dia e cujo volume atingiu a 3.472.613 (três milhões, quatrocentos e setenta e dois mil, seiscentos e treze) sacos de 60 quilos;

b) Cr\$ 1.958.032,50 (um milhão novecentos e cinquenta e oito mil, trinta e dois cruzeiros e cinquenta centavos), correspondentes as sobras líquidas apuradas no exercício, após deduzidos os Fundos Estatutários já mencionados, a serem distribuídas proporcionalmente ao volume de trigo entregue por cada agricultor na safra de 1974, cujo volume físico global atingiu a 2.853.910 (dois milhões, oitocentos e cinquenta e três mil, e novecentos e dez) sacos de 60 quilos;

c) o saldo de Cr\$ 1.330.917,55 (um milhão, trezentos e trinta mil, novecentos e dezessete cruzeiros e cinquenta e cinco centavos), solicitamos à esta soberana Assembléia a sua aprovação para que seja levado à crédito da conta "Fundo de Reserva", para utilização restrita ao que determina o Artigo 55º dos Estatutos Sociais da Cooperativa.

QUADRO SOCIAL:

O aumento do quadro social da COTRIJUÍ manteve-se nos últimos três anos num ritmo de crescimento aproximado dos 20%, senão vejamos:

Fevereiro de 1973 - 7.130 associados
Fevereiro de 1974 - 8.374 associados (+ 17,45%)
Fevereiro de 1975 - 10.052 associados (+ 20%)

CAPITAL:

O capital subscrito e o integralizado, como nas demais rubricas do balanço também cresceu satisfatoriamente, conforme comparativo abaixo:

	Subscrito em Cr\$	Integralizado em Cr\$
Fevereiro de 1973	16.086.485,66	8.653.386,40
Fevereiro de 1974	20.684.951,64	12.060.305,19 (+39,3%)
Fevereiro de 1975	30.098.911,84	18.757.568,38 (+55,5%)

VENDAS:

As vendas gerais da cooperativa, somando-se produtos agrícolas, industrializados, insumos e seção de consumo, também crescem de ano para ano, conforme demonstrativo abaixo:

Fevereiro de 1973 - Cr\$ 213.464.018,44
Fevereiro de 1974 - Cr\$ 500.014.210,01 (+ 134,3%)
Fevereiro de 1975 - Cr\$ 726.216.199,08 (+ 45,2%)

QUADRO FUNCIONAL:

Apesar do desenvolvimento da cooperativa, o quadro de funcionários, que no exercício anterior havia aumentado em 38%, no exercício encerrado em 28 de fevereiro sofreu um aumento de apenas 19%.

ASSISTÊNCIA SOCIAL:

O número de atendimentos em geral, somadas as consultas médicas, cirurgias e serviços odontológicos aumentaram de um total de 34.442 atendimentos em 1973 para 36.739 em 1974.

CONVÊNIO COTRIJUÍ - FIDENE:

Com o assessoramento do Departamento Técnico, foram realizados no exercício findo um total de 283 reuniões com grupos de agricultores. Fruto do relacionamento existente em função do convênio, surgiu a idéia de uma viagem de estudos aos Estados Unidos da América do Norte. Da idéia passou-se à prática e, um grupo de associados, técnicos e agrônomos realizou uma magnífica viagem ao país amigo, observando in loco todas as técnicas empregadas pelos americanos, não só no plantio e colheita da soja, milho, trigo e outros cereais, mas também seus sistemas de armazenagem, escoamento e comercialização dos produtos na bolsa.

DEPARTAMENTO DE CRÉDITO:

Eis a evolução dos financiamentos através de repasse, concedidos pelo Departamento:

	nº de contratos	área em ha	valor em Cr\$
1973	2.299	71.987	24.325.432,00
1974	2.923	83.568	51.090.796,00

HOMENAGEM:

Aos sócios e funcionários falecidos no decorrer do exercício ora em apresentação, pelo muito que deram de si em prol do desenvolvimento e projeção da COTRIJUÍ, a nossa sincera e merecida Homenagem Póstuma e o nosso reconhecimento por tudo aquilo que fizeram em favor da agricultura regional e do cooperativismo.

CONCLUSÃO:

Ao Concluirmos este sintético relato de nossas atividades no exercício encerrado em 28 de fevereiro de 1975, resta-nos agradecer a dedicação, o empenho, o zelo e o espírito de responsabilidade do nosso quadro de funcionários. Os nossos agradecimentos também às digníssimas autoridades Federais, Estaduais e Municipais pela confiança depositada na COTRIJUÍ e pelo deferimento das nossas solicitações. Aos estabelecimentos bancários oficiais, de economia mista e privados, especialmente o Banco do Brasil S.A. e o Banco Nacional de Crédito Cooperativo S.A., o nosso reconhecimento pelo irrestrito apoio moral e financeiro que sempre emprestaram à economia agrícola regional. Aos nossos clientes, fornecedores e amigos, pela total confiança depositada na COTRIJUÍ, também os nossos agradecimentos.

De forma especial, um agradecimento a esse quadro social que tem sido um exemplo de coesão, de trabalho e de espírito cooperativista. Os verdadeiros objetivos do cooperativismo se arraigaram no seio de nossos associados e se evidenciam pela compreensão, dedicação, participação e principalmente pelo trabalho estribado no slogan "TODOS POR TODOS".

Finalizando, nossa palavra de saudade ao grande companheiro desaparecido, nosso ex-presidente Luiz Fogliatto, que continua com sua lembrança de legítimo líder cooperativista, a guiar os nossos passos.

A DIRETORIA

ATIVO		PASSIVO	
DISPONÍVEL		EXIGÍVEL A CURTO PRAZO	
Caixa	152.549,11	Assoc. c/Particular	538.117,74
Bancos c/Movimento	6.463.841,75	Com. Repr. Lunardi Ltda.	31.920,62
Moeda Estrangeira	77.347,10	Credores Diversos	743.191,57
		Assoc. c/Disposição	2.104.961,99
REALIZÁVEL A CURTO PRAZO		Fornecedores	8.093.582,08
Associados c/Particular	26.541.067,86	Safras a Liquidar	980.134,40
Devedores p/Duplicata	13.096.611,39	Títulos a Pagar	777.157,00
(-) Títulos Descontados	6.151.885,10	Adiantamento de Câmbio	28.402.860,00
(-) Títulos Cauconados	1.100.615,01	Financiamentos	27.539.779,40
(-) Prov. p/Dev. Duvidosos	677.513,80	Impostos a Recolher	4.972.328,27
		Contr. Previdenciárias	293.256,14
Clientes no Exterior	644.432,43	Salários a Pagar	44.749,52
Devedores Diversos	1.885.141,72	Compromissos Diversos	869.252,57
Adiantamento p/Viagem	20.984,00	Capital a Restituir	4.793,09
Funcionários c/Fornecimento	149.139,07	Emp. Compulsório Rio Grande	19.245,40
Contas a Receber Hospital	154.556,81	Capital Cotriexport a Integralizar	1.700.000,00
Fornecedores	8.493.775,61	Prev. p/Imp. Renda Rio Grande	841.000,00
Estoques:			
Soja Indústria	1.351.925,87	EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	
Semente Forrageira	410.230,00	Financiamentos	84.405.099,83
Mercadorias Consumo	52.621.160,87	Prev. p/Imp. Renda Rio Grande	3.594.071,00
Produtos Industrializados	4.703.131,61	NÃO EXIGÍVEL	
Sacarias	1.174.763,00	Capital Subscrito	30.098.911,84
Almoxarifado	4.180.990,02	(-) Capital a Realizar	11.341.343,46
Farmácia	395.997,27	Fundo de Reserva	13.718.550,42
		Fundo de Desenvol. Econômico	10.942.072,97
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO		Fundo de Assistência Social	3.625.014,94
Assoc. c/Financ. Lav. Trigo	2.051.399,15	Caução Parque Recreativo	35.343,66
Assoc. c/Financ. Lav. Soja	18.607.448,14	Fundo Assist. Técn. e Social	13.168.861,80
Assoc. c/Financ. BNCC	3.775.483,26	Fundo Correção Monetária	4.308.137,35
Assoc. c/Repasse BRDE	744.762,51		
Títulos a Receber	250.177,50		
		PENDENTE	
IMOBILIZADO		Sobras a Disposição da Assembl.	11.712.262,05
TÉCNICO:		COMPENSAÇÃO	
Imóveis	13.364.692,83	Títulos em Cobrança	119.549,54
Instalações	755.738,07	Títulos Cauconados	1.568.366,15
Máquinas e Equipamentos	7.276.973,16		
Móveis e Utensílios	1.855.823,26	TOTAL DO PASSIVO	241.913.225,68
Veículos	3.375.870,76		
Porto de Rio Grande (Terminal)	53.302.270,83		
Construções em Andamento	20.866.488,87		
+ Correção Monetária	4.498.494,69		
- Depreciação Acumulada	9.184.424,38		
FINANCEIRO:			
Cauções	14.374,03		
Participações	3.574.593,69		
PENDENTE			
Despesas Diferidas	196.056,67		
Contas em Liquidação	301.967,53		
Outras Contas	8.288,04		
COMPENSAÇÃO			
Bancos c/Cobrança	119.549,54		
Bancos c/Caução	1.568.366,15		
TOTAL DO ATIVO	241.913.225,68		

Ijuí, 25 de fevereiro de 1975

Arnaldo Oscar Dreus
Ruben Ilgenritz da Silva
Presidente - CPF 058268970

Arnaldo Oscar Dreus
Arnaldo Oscar Dreus
Vice-Presidente - CPF 028619400

Clóvis Adriano Farina
Clóvis Adriano Farina
Superintendente - CPF 010133350

Guaira Mac Donald Ferrera Pinto
Guaira Mac Donald Ferrera Pinto
CRC. 14.556 - CPF 049158520

DEMONSTRATIVO DA CONTA "SOBRAS E PERDAS", EXERCÍCIO 01-03-74 a 28/02/75

CONTAS		DÉBITOS	CRÉDITOS
1 - TRIGO INDÚSTRIA:			
Vendas ao Banco do Brasil S. A.	236.158.724,49		
Vendas de Resíduos	94.618,85		
Armazenagens e Expedição	5.843.898,04	242.097.241,98	
Liquidação de Safras	234.898.188,41		
Despesas de Comercialização	3.252.987,00	238.181.175,41	3.916.065,97
2 - TRIGO SEMENTE:			
Vendas	14.846.555,00		
Transferências	39.335,00	14.885.890,00	
Estoque Anterior	1.738.018,00		
Liquidação de Safras	9.811.761,27		
Bonificações	1.824.889,50		
Despesas de Comercialização	1.442.387,97	14.817.056,74	68.833,26
3 - SOJA INDÚSTRIA:			
Vendas Mercado Interno	54.487.557,45		
Vendas ao Exterior	216.778.129,59		
Transferência p/semente	12.936.954,80		
Transferência p/indústria	37.027.382,70		
Produtos em estoque	1.351.925,87	324.581.950,41	
Estoque Anterior	2.485.791,00		
Liquidação de Safras	245.444.980,64		
Produtos a Liquidar	887.907,90		
Despesas c/Comercialização	60.040.826,61	308.859.506,15	15.722.444,26
4 - SOJA SEMENTE:			
Vendas	19.057.563,75		
Transferências	76.074,00	19.133.637,75	
Produção	12.936.954,80		
Compras	13.000,00		
Bonificações	1.782.690,00		
Despesas c/Comercialização	3.276.812,90	18.009.457,70	1.124.180,05
5 - SEMENTE FORRAGEIRA:			
Vendas	720.186,75		
Transferências	9.432,00		
Produto em Estoque	410.230,00	1.139.848,75	
Liquidação de Safras	1.014.032,95		
Bonificações	18.853,00		
Produto a Liquidar	92.226,50		
Despesas c/Comercialização	14.736,30	1.139.848,75	
6 - FÁBRICA DE ÓLEO:			
Vendas Mercado Interno	47.003.728,47		
Vendas p/o Exterior	15.045.842,35	62.049.570,82	
Custo Produtos Vendidos	51.463.585,35		
Despesas de Vendas	9.118.978,10	60.582.563,45	1.467.007,37
7 - SEÇÃO DE CONSUMO:			
Vendas	58.552.930,97	58.552.930,97	
Custo de Mercadorias Vendidas	50.116.463,84		
Despesas de Vendas	6.065.338,94	56.181.802,78	2.371.128,19
8 - SACARIA:			
Vendas	3.775.129,00	3.775.129,00	
Custo Sacaria Vendida	3.711.442,27	3.711.442,27	63.686,73
9 - DEPARTAMENTO DE CRÉDITO:			
Receita do Exercício	763.361,12	763.361,12	
Despesas Operacionais	350.932,37	350.932,37	412.428,75
10 - DEPARTAMENTO DE TRANSPORTES:			
Receitas do Exercício	450.866,28	450.866,28	
Despesas Operacionais	384.530,05	384.530,05	66.336,23
11 - BOVINOS:			
Vendas	23.005,00	23.005,00	
Custo de Aquisição	23.005,00	23.005,00	
12 - HOSPITAL STA. TERESINHA:			
Receitas do Exercício	972.278,46	972.278,46	
Despesas Operacionais	967.646,39	967.646,39	4.632,07
13 - TERMINAL MARÍTIMO RIO GRANDE:			
Receita do Exercício	47.358.539,94	47.358.539,94	
Despesas Operacionais	28.279.625,50		
Depreciações	3.105.264,82		
Provisão p/Imposto de Renda	3.594.071,00	34.978.961,32	12.379.578,62
14 - RECEITAS EXTRA OPERACIONAL:			
15 - PROVISÃO PARA DEVEDORES DUVIDOSOS — REVERSÃO:			
16 - PREVISÃO PARA DEVEDORES DUVIDOSOS — FORMAÇÃO - 1% s/CR\$ 67.751.380,22			
		677.513,80	
17 - DEPRECIAÇÕES:			
DESTINAÇÃO DAS SOBRAS:			
a) FUNDO DE RESERVAS: 10% da sobra líquida do exercício (Exceto Terminal Marítimo Rio Grande), de acordo com o artigo "54" letra "A" dos Estatutos Sociais		2.342.452,40	
b) FUNDO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: 30% da sobra líquida do exercício (Exceto Terminal Marítimo Rio Grande), de acordo com o artigo "54" letra "B" dos Estatutos Sociais		7.027.357,21	
c) FUNDO ASSISTÊNCIA TÉCNICA E SOCIAL: 10% da sobra líquida do exercício, de acordo com o artigo "54" letra "C" dos Estatutos Sociais, mais a sobra líquida do Terminal de Rio Grande, Cr\$ 12.379.578,62, de acordo com o artigo "87", Lei 5.764, de 16-12-71		14.722.031,02	
d) SALDO A DISPOSIÇÃO DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA:		11.712.262,05	
S O M A:		38.342.412,47	38.342.412,47

Armando Dalbos
Ruben Ilgenritz da Silva
Presidente - CPF 056269970

17jul (RS), 28 de fevereiro de 1975
Arnaldo Oscar Drews
Arnaldo Oscar Drews
Vice Presidente - CPF 028619400

Clóvis Adriano Farina
Clóvis Adriano Farina
Superintendente - CPF 010133350

Guaira Mac Donald Ferrera Pinto
Guaira Mac Donald Ferrera Pinto
CRC. 14.656 - CPF 049158320

PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

Ilmos. Srs.
Conselheiros da Coop. Regional Triticola Serrana Ltda.
IJUÍ - RS

Examinamos o balanço patrimonial, anexo, da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda., levantado em 28 de fevereiro de 1975 e a respectiva demonstração do resultado econômico do exercício findo naquela data. Nosso exame foi efetuado de acordo com as normas de auditoria geralmente aceitas e, conseqüentemente, incluiu as provas nos registros contábeis e outros procedimentos de auditoria que julgamos necessários nas circunstâncias.

Em nossa opinião, o balanço patrimonial e a demonstração do resultado econômico acima referidos, representam, adequadamente, a posição patrimonial e financeira da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. - COTRIJUÍ - em 28 de fevereiro de 1975 e o resultado de suas operações correspondentes ao exercício findo naquela data, de acordo com os princípios de contabilidade geralmente aceitos, aplicados com uniformidade em relação ao exercício anterior.

Porto Alegre, 31 de março de 1975.
ASCOP LTDA. - ASSESSORIA, CONSULTORIA, PLANEJAMENTO E AUDITORIA
CGC MF Nº 92.838.150 - CRC-RS Nº 542 - CEAI Nº 3
BANCO CENTRAL DO BRASIL - GEMEC-RAI-72-027-PJ

Arthur Nardón Filho
ARTHUR NARDÓN FILHO
CPF Nº 004038440
(Contador Responsável)
CONTADOR CRC-RS Nº 13.886
CEAI-RS Nº 16
BCB-GEMEC-RAI 72-027-1-FJ
IAB Nº 08

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento ao que determina o artigo nº 52, letra "g" dos Estatutos Sociais da COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA., reuniu-se nesta data o Conselho Fiscal desta entidade, a fim de proceder o exame do Balanço, Demonstrativo de Sobras e Perdas e todos os documentos referentes ao exercício ora encerrado, inclusive o levantamento dos saldos em caixa e o parecer da Auditoria.

Tendo sido assessorado pela ASCOP LTDA. Assessoria, Consultoria, Planejamento e Auditoria e, tendo examinado todos os documentos, encontramos tudo em ordem e emitimos o nosso parecer favorável, recomendando à Assembléia Geral a sua aprovação.

Alfredo Schmidt
Alfredo Schmidt

Bráulio Martins da Rocha
Bráulio Martins da Rocha



SUPLEMENTO INFANTIL – MAIO/75

ESCOLINHA
DE ARTE
DA
FIDENE

Elaboração: Viro Frantz - Moacir Lima - Wally Arns

SENHOR SAPO PROMETE PULAR COM O FILHO

Tchibum! A água respingou e o sapinho desapareceu. Glup, glup, fazia a água, e as bolhas que subiam, mostravam por onde Papinho passava.

Senhor Sapo, sentado à beira do charco, observava. É, pensava ele, este gurizote saíu ao pai. Pulador igual, difícil. . .

Chlep! E Papinho estava sentado frente ao pai, escorrendo água e brilhando de felicidade:

— Pai, hoje a aula tava bacana!

— Aé, tava? Mas você demorou para chegar em casa. O caminho ficou mais comprido?

— Não, é que . . . Sabe, nós desenhamos, daí eu gostei tanto que aumentei a aula e depois fiquei conversando um pouco com D. Coruja.

Seu Sapo ficou admirado. Ele sabia que o filho não tinha grandes simpatias pelas aulas, nem pela professora. Alguma coisa não estava bem explicada.

— Pai, o senhor não acha também que, se os sapos ficam sentados muito tempo na escola, eles por fim não vão mais pular? Eu perguntei isto à professora mas ela não respondeu. Só arregalou os olhos e depois começou a piscar. Sabe, aquela mania dela . . .

— E o que você desenhou Papinho? A professora passou aquela paisagem com lago e montanha?

— Não, pai, aí que está. A gente podia desenhar o que queria, legal, né? Mas não desvia, tá pai! O senhor não respondeu: A gente desaprende ou não a pular?

O pai se viu num beco sem saída: Por um lado, ele tinha como princípio levar a sério as perguntas do filho e dizer-lhe a verdade, por outro lado, tinha sido tão difícil convencer o filho de ir à escola. . .

— Sabe, filho, parece que é certo que, se a gente deixar de usar por muito tempo uma parte do corpo, ela fica como que enferrujada, não funciona mais tão bem, fica mais fraca. Mas não se preocupe, certo? Nós dois vamos pular bastante.

Afinal, não se fica o dia todo na escola, não é?

Seu Sapo prometeu a si mesmo cuidar um pouco mais da educação de seu filho. Afinal, saber pular bem é uma das coisas mais importantes para um sapo. E mais. Jurou que na próxima reunião da escola ia falar. Ah! - Se ia falar. . .



Alberto Cavaleri, 13 anos, de Vila Coroados manda as seguintes quadras:

“De que serve tanta prosa
Com tanta sabedoria?
Um dia acaba fazendo
Aquilo que não queria.”

Se digo que isto não presta,
Antes devo refletir,
Pois o que não serve hoje,
Amanhã pode servir.”

Alberto, continue colaborando com teus colegas do Cotrisol. Você não gostaria de inventar um “causo”, uma história ou uma trova?

A Neusa Maria Sisti, da Vila Floresta, também quer colaborar. Mande uma outra contribuição. Certo, Neusa? Pois a Páscoa já vai longe. . .

O Eloi Glitz tem prá vocês as seguintes adivinhações?

1. — O que tem no meio da rua?
2. — O que é que, quanto maior, menos se vê?
3. — O que é que entra na água e não se molha?
4. — O que é que tem 6 pés, 2 cabeças e 2 braços?
5. — O que tem rabo de porco, orelha de porco, pés de porco e não é porco?

Quem não conseguir adivinhar pode escrever pro Eloi (Bar e Churrascaria “O Canecão” — Santo Augusto) que ele manda as respostas.

Marlene Wiescinske, Ijuí, escreveu para vocês esta história:

O VALOR DO AGRICULTOR

Numa sala de aula, uma menina está isolada em um cantinho. Porque será?

Ela é a filha de um agricultor, por isso é rebaixada pelas colegas.

Mas ela já cansou de aguentar críticas e desaforos e ficar calada, chegou a sua vez de falar.

Ela havia contado para suas amigas sobre seu isolamento e amargor.

Então, com o incentivo das amigas, a menina da roça, com a permissão da professora, dirigiu-se, sob os olhos arregalados das colegas até à frente e com uma voz trêmula mas sem receio falou: “Vocês me isolam pelo fato de eu ser a filha de um simples agricultor. Mas pensem bem, se não fosse o agricultor, vocês teriam alimentação? Os queridos papaiinhos de vocês teriam no que trabalhar? Ou para quem trabalhar?”

Vocês tem de respeitar ao invés de abusar dos agricultores.

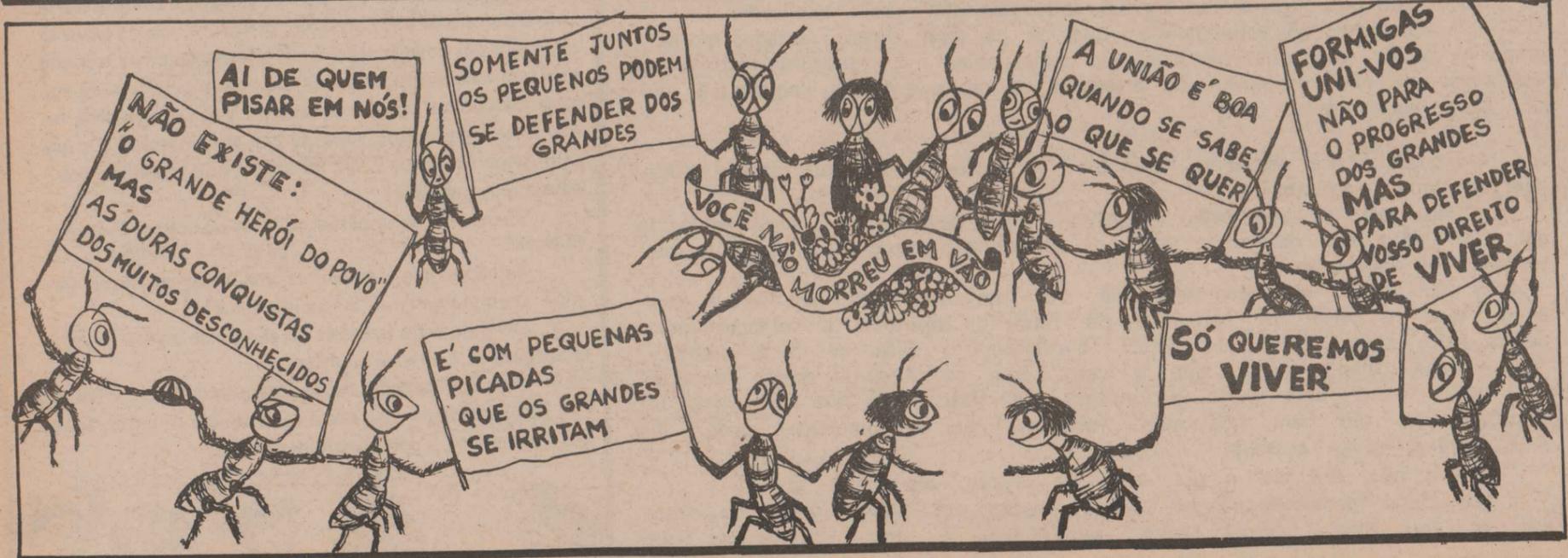
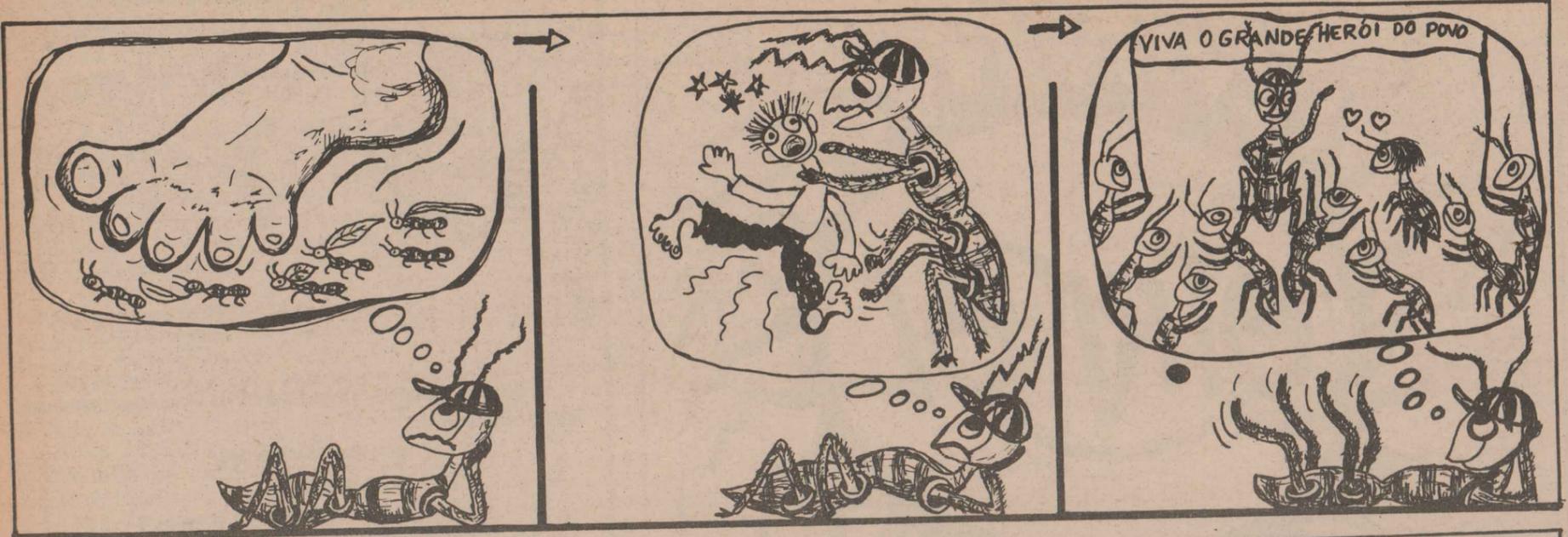
Se não existe o agricultor, vocês podem viver? Como? De que maneira? Respondam-me!”

Dizendo estas palavras ela dirigiu-se ao seu lugar, mas agora está altiva e triunfante.

Todas ainda estão cabisbaixas e sem dizerem palavra.

A menina da roça não é mais aquela de antes, agora ela tem amigas, é compreendida, é feliz.





CIRANDAS



Laura F.
8 anos

Eu fui no tororó
beber água não achei
achei bela morena
que no tororó deixei
Sozinha eu não fico
nem hei de ficar
pois eu tenho alguém

se esta rua
se esta rua fosse
eu mandava minha
eu mandava ladrilhar
com pedrinhas
com pedrinhas
de brilhante
para o meu
para o meu amor
passar

Valentim tim
Valentim meu bem
Quem tiver inveja
Faça assim
também

para ser
meu par

Passa/passa três
A última vezes
há de ficar

Terezinha de Jesus
deu uma queda foi ao chão
acudiram três cavalheiros
todos três chapéu na mão

Ciranda-cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos
O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou



Silvinha B.
Tanos

